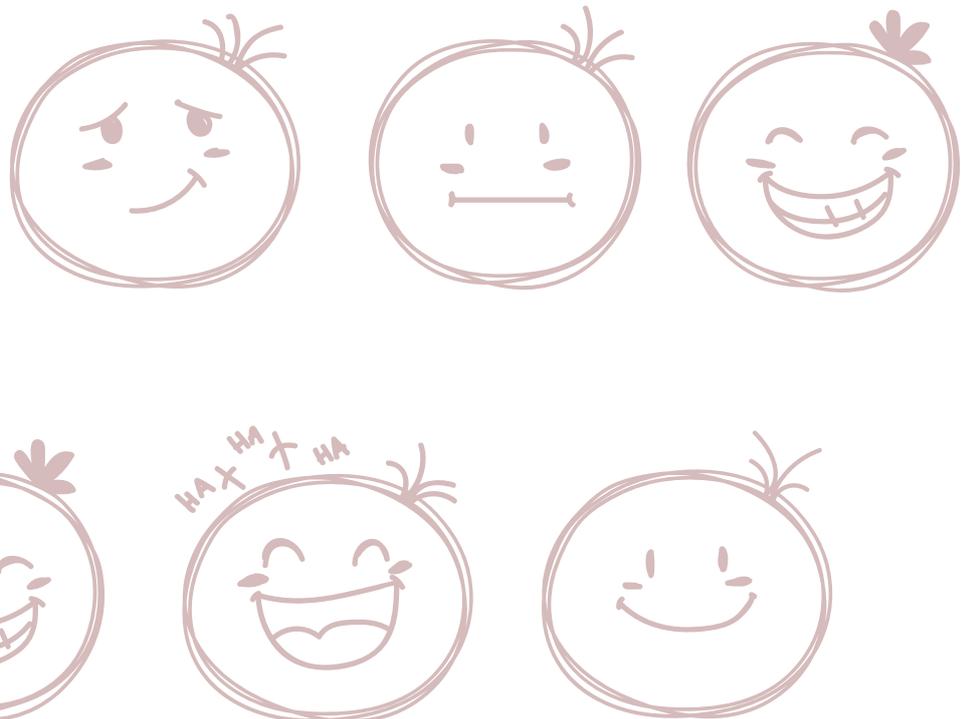


CATIANA SANTOS CORREIA SANTANA

Rir para Refletir:
um pedacinho do mundo
de Luis Fernando Veríssimo



CATIANA SANTOS CORREIA SANTANA

Rir para Refletir:
**um pedacinho do mundo
de Luis Fernando Veríssimo**





Dedicatória

Aos meus queridos alunos.

Ficha Provisória



SANTANA, Catiana S. C.

Caderno de Leitura: Rir para Refletir: Um pedacinho do mundo de Luis Fernando Veríssimo / Catiana S. C. Santana; José Ricardo de Carvalho. -- Itabaiana, 2016.

Produto pedagógico Mestrado Profissional (PROFLETRAS)
Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana

1. Leitura. 2. Gênero de Texto.

Crônica é a carta diária de Cronos que é deus grego do tempo, chamado Saturno pelos romanos. Nós, os cronistas, somos os mensageiros de Saturno, o primeiro reformador social da história do pensamento humano [...]. O tempo é a nossa medida, a nossa glória e a nossa perdição. Perdemos nele. Embebedamo-nos dele. Sim, bêbados do tempo somos nós, os cronistas. Apaixonados por ele em seu fluir, aqui vamos registrando o fato, o ato, a dor, o sentimento, a mágoa, a esperança, a denúncia, a crítica, a poesia, o instante passado. Tudo breve e passageiro como ele e se possível belo e misterioso como o seu fluxo (ARTUR DA TÁVOLA).



Conversa com o(a) professor(a)

Caro(a) colega,

Seja bem-vindo a este material pedagógico!

Esperamos que o interesse inicial seja estendido a seus alunos. Almejamos poder oferecer uma alternativa produtiva às suas aulas de leitura. Antes de adentrar nas atividades, vale, aqui, apresentar informações importantes que embasam este caderno.

O primeiro ponto é que este se destina a estudantes matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental II, mas não há empecilho para utilizá-lo em outros segmentos da educação básica. Por se tratar de um conjunto de atividades de leitura, pode ser utilizado parcialmente, fazendo uso daquelas atividades que sirvam à necessidade de aprendizagem de seus alunos.

O segundo ponto é a escolha teórica que fundamenta este caderno; optamos pelo Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012), que em sua tese central postula que toda atividade social é mediada pela linguagem. Sendo assim, o resultado da construção do saber se dá pela interação, por conseguinte o papel do professor é preponderante para construção das capacidades de linguagem do educando, tendo em vista a sua interferência nas ações de aprendizagem.

O Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) visa demonstrar que a linguagem ocupa o papel central para o desenvolvimento humano, ou seja, mostra que esse desenvolvimento ocorre pelas mediações educativas e/ou formativas. O ISD contribui para refletir sobre a didatização do estudo do gênero textual, especialmente quanto ao funcionamento de atividades sociais e culturais (CRISTÓVÃO; NASCIMENTO, 2005). Portanto, o ensino de língua pode capacitar o aluno para compreensão e apropriação da diversidade de sua língua em seus respectivos contextos. Um dos caminhos para isso é expô-lo a diversos contextos de uso da língua organizados em textos.

Assim, a escolha feita pelo ISD favorece o ensino ao se fazer refletir sobre o contexto de produção – Quem produziu? Quando? Por quê? Com quem dialoga? Qual o posicionamento do expositor frente ao assunto?; a infraestrutura do texto – conexão, coesão verbal e nominal; os modalizadores – as vozes (LEURQUIM, 2014). Em consonância a essas ideias, este caderno pretende mobilizar as capacidades de linguagem do aprendiz, ao passo que o expõe a situações de interação com o gênero crônica de humor.

Para tanto, foram selecionadas duas crônicas do autor Luis Fernando Veríssimo, “Hábito Nacional” e “Invólucro”, localizadas nas coletâneas Comédias para ler na escola (2001) e Mais comédias para ler na escola (2008), respectivamente. Destaca-se que em ambas as crônicas o fio condutor é a realidade brasileira. Considerando a fonte dos escritos, só podemos esperar que sejam humorísticas, característica relevante para despertar o interesse da leitura nos alunos.

Lembramos que durante as atividades outros textos de gêneros diferentes foram usados. Esses carregam marcas de humor como charge e vídeo, outros são não ficcionais, a fim de fornecer ao aluno informações importantes que deverão subsidiar a compreensão da crítica do humor relacionados ao comportamento do brasileiro – caso de uma reportagem, um texto teórico e um conceito.

A intenção em usar essa estratégia é trabalhar o desenvolvimento real para se chegar ao objetivado, a fim de viabilizar o refinamento sobre a língua presente na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O terceiro ponto a ser apresentado é nossa perspectiva de leitura. O processo de leitura não é solitário, por mais que estejamos sozinhos com o texto. Principalmente, se o objetivo da leitura não for de localizar uma informação, como aviso ou cartaz. Há no texto a voz do autor, dos personagens, do narrador, expositor, textualizador, com as quais o leitor dialoga ao entrar no texto através das palavras.

Para chegarmos a elas, ativamos uma série de conhecimentos, linguístico, de mundo, discursivo, enciclopédico, entre outros. Quando possuímos informações que completam o sentido do texto, ou melhor, que o texto tenha significação, a leitura torna-se uma atividade significativa e estimulante. Refletir sobre isso, pode ser um começo para oferecer ao aluno um espaço mais ativo em sala de aula.

Ao reconhecer o processo de leitura como ativo, isso já nos leva a pensar na escolha do gênero, em seguida do texto. O conhecimento sobre a estrutura dos aspectos linguísticos do gênero pode tornar o texto legível segundo kleiman (2013), isto é, ao reconhecer as estruturas linguísticas, o vocabulário, o tema, o texto torna-se possível de ser lido, já que a percepção desses aspectos possibilita a relação entre os conhecimentos já acomodados na mente do estudante.

Se o texto tiver significação para os alunos, será provável conseguir a participação ativa. A continuidade de atenção depende, entre outras coisas, de pensarmos em uma metodologia que solicite a participação do aluno, ele precisa perceber que sua voz é necessária para compreensão do texto. Como afirma Solé (1998, p. 116), a leitura “é um processo interno, porém deve ser ensinado”, ou seja, cabe ao professor orientar as respostas pelo objetivo da leitura, pelo conhecimento prévio e pelas marcas linguísticas do texto, ao invés de levar o conhecimento pronto.

As ações guiam que nossas atividades do caderno de leitura, adotam esta perspectiva de interação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (cf. BRASIL, 1998, p. 67 a 73) oferece-nos algumas estratégias de leitura, que dependem do nível de desenvolvimento do aluno e dos objetivos do professor. Para as nossas atividades, a que melhor atende é a leitura programada, que “é uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade” (BRASIL, 1998, p.73). Mas essa pode ser articulada a outras, as quais apontaremos no caderno pedagógico.

O lugar de certa indefinição do gênero crônica – que pode estar entre a literatura e o jornalismo – traz algumas dificuldades ao leitor inexperiente. Mas, afinal, o que quer dizer estar entre a literatura e o jornalismo? O primeiro corresponde ao estilo da linguagem, a visão sensível sobre o cotidiano, e por vezes valer da ficção para propor refletir sobre a realidade contemporânea, ou seja, sua grande marca é a atualidade dos acontecimentos do mundo físico (do aqui e agora), o qual Bronckart (2012) denominará de mundo ordinário. O segundo corresponde ao suporte, pois é publicado primeiro no jornal; a necessidade de certa concisão, por conta do espaço destinado a ela; essa concisão pode ser lida também por supor que o leitor desse veículo tenha um repertório de informações e experiências capazes de inferir e compreender o texto.

A síntese da crônica é a confluência dos mundos ordinários e o mundo virtual criado pelo agente produtor, e sua voz é ouvida por um expositor, quando está no mundo ordinário, narrador, quando estiver no mundo virtual, nessas situações o agente está implicado através de comentários ou avaliações, há vezes em que será uma voz neutra.

Isso pode trazer certa dificuldade de leitura ou reducionismo. Não se pode ver a crônica como se ela fosse literatura ou jornal. Visto que um mundo influencia o outro para construir sentido, o professor pode se aproveitar dessa vantagem para formar leitores produtores.

Todos os elementos apontados podem não permitir a fluidez da leitura. Daí a necessidade de um plano de leitura que problematize as questões do texto antes de ler. Isso foi feito com a leitura de outros textos, levantamento de hipóteses e muita discussão. Além de recorrer às estruturas linguísticas estáveis - sequência narrativa, argumentativa, expositiva, injuntivas, descritiva, dialogal. No caderno, destacamos a argumentativa, a narrativa e a dialogal, que podem aparecer intercaladas.

Ao pensar nesta dificuldade de associar os conhecimentos científicos, enciclopédicos, compartilhados e textuais, além do próprio gênero em questão, propomos a análise das crônicas trabalhadas nas sugestões de atividades deste caderno: “Invólucro” e “Hábito Nacional”, as quais trazem a junção dos mundos ordinário e virtual. Outro fato que destacamos na escolha é o humor, o qual tem receptividade no universo dos alunos. A percepção desses propicia o agir sobre um conhecimento quase amadurecido – zona de conhecimento proximal (VIGOTSKY, 1991). Afinal, os alunos em algum momento tiveram contato com textos cômicos e humorísticos.

Ainda sobre a crônica humorística, assume um viés crítico que gera o riso, às vezes só um sorriso, pois para ser engraçado não precisa gargalhar, diz Possenti (2014). Caso o leitor não considere o texto engraçado é porque de alguma forma não houve compreensão dos aspectos críticos que o agente-produtor quis apresentar em seu texto, ou por não compartilhar do mesmo conhecimento de mundo e dos valores. O gênero crônica de humor aborda temas do cotidiano, aproximando-se do leitor por meio de variados recursos.

Esperamos que este caderno de leitura contribua para que você, caro (a) colega professor (a), leve o aluno a refletir a língua no sentido de se tornar um leitor crítico, capaz de agir sobre os textos, refinando seus conhecimentos sobre sua língua mãe, a leitura e sua criticidade. Pois tal fato instrumentaliza o discente aos momentos de sua vida em que suas capacidades de linguagem lhes serão exigidas, ou seja, proporciona uma experiência empírica de sua língua. Podemos, então, realizar a reflexão numa perspectiva social por observar os contextos de produção e função social do texto, aliado às escolhas estruturantes do texto.

Assim, é a partir deste referencial teórico que apresentamos a você, professor(a), O Caderno Pedagógico: Rir para Refletir: um pedacinho do mundo de Luis Fernando Veríssimo, que propõe como objetivo final, o refinamento do conhecimento sobre a língua na constituição da crônica humorística e a formação de um leitor crítico, nas séries finais do Ensino Fundamental, no desejo de que você e seus estudantes se beneficiem deste material.

Afetuosamente,
Catiana Santos Correia Santana
(autora)

Caro (a) colega, caso sinta necessidade de adentrar um pouco mais na teoria que sustenta esta proposta, preparamos um sessão específica que se encontra no APÊNDICE I.

Apresentação

Como está organizado o material

Este caderno, denominado: Rir para refletir: um pedacinho do mundo de Luis Fernando Veríssimo é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada pela autora do caderno. Este foi organizado em três tópicos, desenvolvidos em conjuntos de atividades, realizadas em 16 aulas, as quais foram mescladas com as atividades regulares, objetivadas pelo currículo da escola. Argumenta-se que através da análise de textos humorísticos e críticos, as atividades de leitura possibilitam criar laços entre leitor e leitura.

O caderno é composto por três tópicos, o primeiro é Vamos conversar? – que serve para introduzir o gênero crônica e o autor das duas crônicas, objetos das atividades; e mais duas sessões formadas por dois conjuntos de atividades, realizadas a partir das crônicas Invólucro e Hábito Nacional. O conjunto de atividade está organizado por sessões, as quais se dividem a partir da estrutura de análise dos folhados textuais do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (2012) – Plano geral do texto, mecanismos de textualização (conexão coesão nominal e verbal) e modalizadores. A fim de torná-lo didático, os três folhados estão divididos em sessões, as quais contam com caixas de texto informativas, sendo:

- a) **O que vamos encontrar?** Destinada para preparar o aluno a refletir sobre o tema da crônica sem revelá-lo. Apresentaram-se conceitos, vídeos, ditado popular, a fim de o aluno estabelecer relação com o texto que será lido, antecipando textos que possam servir de intertextualidade com a crônica em foco.
- b) **Hora de refletir...** Visa refletir sobre os assuntos abordados nos textos apresentados, com o fim de levantar hipóteses sobre o texto que será lido, considerando seu agente-produtor, veículo de publicação e título.
- c) **Leitura programada.** Esta se destina primeiro a leitura silenciosa, em seguida a leitura programada, que se caracteriza pela discussão do texto intercalada com a leitura. Para isso, foram elencadas questões que direcionam a leitura para percepção do humor e da criticidade da crônica na sessão posterior

- d) Estamos conversando sobre...** Aqui foram elaboradas questões com o propósito de refletir criticamente sobre o tema abordado na crônica e de assimilar estratégias de construção do efeito de humor aliado a essa crítica.
- e) Olhando com a lupa.** A penúltima sessão foi pensada para analisar a organização linguístico discursiva para o aprofundamento da leitura crítica do texto, ou seja, como os mecanismos linguísticos são construídos para produzir sentido, construir o texto.
- f) Analisando as sequências do texto.** A última assentada objetiva analisar a composição do texto, a qual deve estar associada a propdução de sentido do texto.



Sumário

Como está organizado o material	8	
	12	<i>I Organização: Atividade I – Conhecendo gênero e autor</i>
1- VAMOS CONVERSAR?	14	
	15	<i>2- DESCOBRINDO O GÊNERO CRÔNICA</i>
3- O AUTOR – LUIS FERNANDO VERÍSSIMO	17	
	19	<i>II Organização: II Atividade: Coisa de brasileiro</i>
4. Coisa de brasileiro	20	
	22	<i>4.1 O que vamos encontrar?</i>
4.2 Hora de Refletir	23	
	24	<i>4.3 Leitura programada</i>
4.4 Estamos conversando sobre...	26	
	27	<i>4.5 Olhando com a lupa</i>
4.6 Analisando a sequência do texto	29	

III Organização: Atividade III – Rir para refletir sobre coisa sério	32	
	34	<i>5. Rir para refletir sobre coisa séria</i>
5.1 O que vamos encontrar?	36	
	38	<i>5.2 Hora de refletir...</i>
5.3 Leitura programada	39	
	40	<i>5.4 Estamos conversando sobre..</i>
5.5 Olhando com a lupa	42	
	43	<i>5.6 Analisando as sequências do texto</i>
REFERÊNCIAS	47	
	47	<i>SUGESTÃO DE LEITURAS</i>
ANEXO I – DÚVIDAS PASCAIS	51	
	53	<i>ANEXO II – O DEBATE</i>
ANEXO III – RI, PALHAÇO	55	
	56	<i>APÊNDICE A – CONCEITOS-CHAVES</i>

1 Organização: Atividade 1

Conhecendo gênero e autor



Conhecendo gênero e autor

Esse primeiro conjunto de atividades visa introduzir o gênero crônica humorística e Luis Fernando Veríssimo, autor das crônicas que serão trabalhadas ao longo deste caderno. Para isso, discutiremos o conceito de humor e a estrutura da crônica, bem como refletiremos sobre o processo criativo do autor e a construção do humor em sua crônica. A fim de conseguir executar essa segunda parte, é interessante assistir a uma entrevista de Luis Fernando, cujo link está na atividade, pois os alunos presenciarão a sutileza do autor para a construção do riso. Professor(a), por se tratar de atividades de reflexão e discussão, é interessante registrar no quadro as conclusões da turma, para que isso se torne mais concreto aos alunos e, assim registrar em suas memórias. Outra sugestão pertinente, se possível, leve um jornal para sala e explore a sessão da crônica, ou faça uma pesquisa com seus alunos no laboratório de informática, se houver, sobre o formato da publicação da crônica no jornal, a qual parece com a notícia, em que o título é a manchete e as primeiras linhas o lide (subtítulo), exemplo “Ri, Palhaço”.

Aulas	Objetivos	Sugestão de Atividades
1ª aula – Vamos Conversar?	<ul style="list-style-type: none">- Promover uma reflexão sobre a construção dos efeitos de humor no texto;	<ul style="list-style-type: none">- Levantamento dos textos que os alunos consideram de humor;- Verificação das estratégias de construção de humor;
2ª e 3ª aulas – Conhecendo o Gênero crônica e o Autor	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o estilo, as motivações, o objetivo da escrita e as estratégias de humor de Luis Fernando Veríssimo;- Analisar o contexto de produção e finalidade do texto.	<ul style="list-style-type: none">- Conversar sobre o gênero crônica;- Ler e discutir sobre texto biográfico de Luis Fernando Veríssimo;- Assistir a uma entrevista com o autor;- Analisar a fala do autor para perceber seu estilo, seu humor e sua crítica.

Anexo III – Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniao/ri-palhaco-20003388#ixzz4LnIgbwrH>

Vamos Conversar?

Comentário: Atividade oral

Todas piadas são engraçadas?

Sempre que alguém te conta algo que achou engraçado, você ri?

Uma notícia pode ser engraça?

Os jornais apresentam fatos engraçados?

No jornal, podemos encontrar textos engraçados?

Se há no jornal textos engraçados, eles estão relacionados ao mundo ordinário (realidade) ou virtual (ficcional)?

É possível fazer alguma crítica através do humor?

A partir dessas reflexões podemos concluir...

Rir de quê?

O humor é algo engraçado, mas que não faz rolar de rir.

O efeito de humor no texto está no incomum, inesperado, que surge do trocadilho, da ironia, da ridicularização, do exagero, do esperado... Com a finalidade de provocar alguma reflexão. O humor está ligado a uma postura muitas vezes crítica.

Vale diferenciar o cômico do humor. No cômico, a graça se constrói a partir da ridicularização do outro, quem ri se coloca em uma posição superior, por exemplo, as piadas sobre loiras, portugueses, origem... O processo de ridicularização inferioriza o outro para causar riso, gargalhadas. Já no humor, o ser humano coloca-se em situação de igualdade, ao rir entende que as falhas localizadas no outro estão presentes também em seu próprio comportamento. Isso gera uma reflexão – caso das crônicas

Descobrimos o gênero Crônica

V

amos ter contato nesse caderno com duas crônicas, que são engraçadas, mas pode ser que você não role de rir, ou até mesmo pergunte qual a graça. Por isso, vale lembrar que encontraremos efeito de humor com a intenção de provocar uma reflexão ou produzir uma crítica, então permaneça aberto(a) as possibilidades de riso dos textos. Mas antes de conhecermos esses textos, colocar à apresentação da crônica humorística.

A crônica

De acordo com o Dicionário etimológico, a palavra crônica provém do grego *chronikós* (relativo a tempo), recebida pelo latim *chronicu*. Esse significado, de certa forma, mantém-se, pois a crônica é um texto que objetiva discutir assuntos atuais, muito disso se deve ao seu suporte, o jornal – primeiro meio de publicação. Durante o século XIX, havia seção bastante ampla destinada à crônica – uma folha inteira do jornal, onde havia os comentários das notícias publicadas com o objetivo de fazer um resumo e trazer a opinião do escritor de maneira leve e atraente, característica que se conserva até hoje.

Atualmente, a crônica tem um espaço menor, mas com o mesmo objetivo, trazer os comentários críticos e/ou reflexivos do escritor sobre os mais variados assuntos – às vezes prevalece a narrativa, às vezes a dissertativa. Entretanto, pode ser que já conheça esse gênero do livro e não do jornal. É bastante comum reunir as crônicas em livros, caso do escritor que estamos lendo – Luis Fernando Veríssimo. Mesmo apresentando estilos tão diferentes os textos publicados, para este fim, são denominados crônicas, desde que respeite algumas características, como diz Veríssimo (2001).

As características básicas da crônica quanto a temática é ser atual, contemporânea. Colher a informação do cotidiano, do agora, para produzir o texto. Quanto à estrutura, obedecerá aos interesses do escritor, por exemplo, encontramos textos predominantemente narrativo, possível de perceber todas as fases dessa estrutura – situação inicial, complicação, ação, resolução, situação final mais avaliação e moral – exemplo de “Hábito Nacional”, que veremos mais adiante. Outras com característica predominantemente argumentativa, também contendo todas as fases: premissa, argumento, contra-argumento, conclusão (ou nova tese) – caso de “Invólucro” que também veremos mais adiante. Há ainda textos do tipo expositivo, realizado por sequência dialogal – “Debate de Páscoa” puro diálogo entre filho, pai e mãe sobre a páscoa, ou há ainda, dentre outras infinitas possibilidades, a realização de um gênero dentro de outro – um intergênero, em que um gênero aparece dentro de outro – caso de “Debate”, em que é apresentada a narração de um programa de entrevista.

Vemos aqui o quanto a estrutura linguística pode variar, as unidades estáveis da crônica estão na inspiração do conteúdo – o dia a dia; vozes que estão subjugadas ao autor, pois os personagens não tem densidade psicológica, são marionetes do cotidiano, esse sim é o mais importante.

A fim de algo que organize nosso pensamento, podemos dizer que no caso da crônica com traços de humor, define-se como uma estória que se ocupa de fatos políticos ou costumes da vida cotidiana. Sendo assim, tais textos promovem uma crítica bem-humorada aos padrões de comportamento social e às concepções de mundo estabelecidas em um determinado período histórico, trazendo, assim, questões polêmicas para o universo social.

É curioso considerar um texto que foi escrito para ser carta, mas é reunido como crônica em *Cronistas do Descobrimento*. Isso é possível se partirmos do pressuposto de que a crônica é construída a partir da percepção subjetiva de alguém sobre o cotidiano. Assim, podemos dizer que as cartas escritas por Pero Vaz de Caminha, entre outros que chegaram ao Brasil, são também crônica. Ao chegarem, no Brasil, os portugueses precisavam informar ao rei sobre as suas descobertas, essas cartas enviam não só informações, mas também a percepção deste sobre as novas terras.

Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias -- duas ou três que aí tinham -- as quais não são feitas como as que eu já vi; somente são três traves, atadas entre si. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam não se afastando quase nada da terra, senão enquanto podiam tomar pé.

Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha

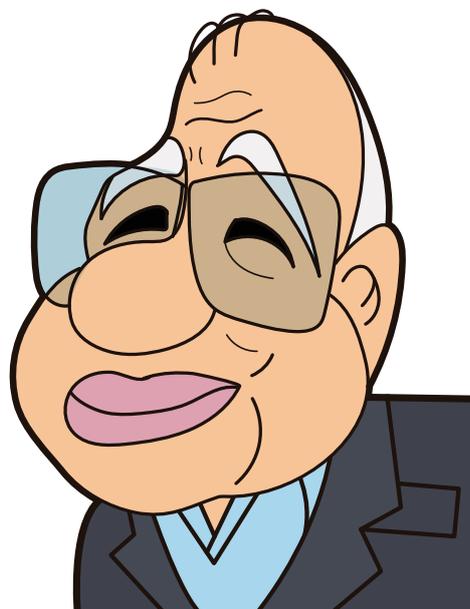
Outra curiosidade é o espaço e a função que as crônicas tinham no século XIX. Isso graças ao fato de o jornal ser composto prioritariamente por literários. Tal fato se deve ao atraso da modernização da imprensa no Brasil. Enquanto não havia jornalismo profissional, literários e intelectuais ocupavam-se dessa tarefa. Assim muitos livros foram lançados primeiro no jornal, como *O Guarani*, de José de Alencar, no espaço dos folhetins, que era também um espaço destinado a crônica. Para ter contato com os textos originais da época, acesse o site <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

O Autor - Luis Fernando Veríssimo

Já refletimos sobre a crônica, agora vamos conhecer Luis Fernando Veríssimo.

Luis Fernando Verissimo, filho do consagrado escritor Érico Verissimo, nasceu em Porto Alegre, no ano de 1936. Sua infância e adolescência foram vividas entre o Brasil e os Estados Unidos, devido ao trabalho de seu pai, uma vez convidado a lecionar na Universidade de Berkeley, Califórnia, e de outra feita quando este assumiu a função de presidente do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-americana. Lá, Verissimo concluiu o seu curso secundário, na Roosevelt Higschool, e começou a estudar saxofone, instrumento de que se vale ainda hoje, membro que é da banda Jazz 6 que se apresenta, principalmente, em bares de sua cidade natal (MADEIRA, 2005). Em depoimento feito em 1998, falando de si, Verissimo dizia:

Escrevo porque foi o que me aconteceu. Com trinta anos eu estava sem emprego e sem perspectiva (além de com mulher e primeira filha) e me convidaram para trabalhar num jornal. Na época podia ser jornalista sem ter o diploma. Eu não tinha diploma nem de jornalista nem de nada. Comecei trabalhando como “copy desk”, que era quem dava a forma final às matérias dos repórteres. Como o jornal era pequeno, minha carreira foi rápida. Editor de variedades, editor nacional, editor internacional e quando o colunista principal do jornal saiu me botaram no lugar dele para fazer crônicas. É o que faço até hoje. Todos os meus livros, com uma exceção (um romance chamado O jardim do Diabo), são coleções de crônicas publicadas na imprensa. Portanto escrevo porque foi o ofício que eu descobri, ou que me descobriu. Gosto quando me chamam de escritor, mas sou um jornalista, ou um híbrido, já que a crônica é isso: uma indefinição. Pode-se fazer grande literatura só fazendo crônica? Muita gente fez. Mas eu acho que estou mais no ramo do entretenimento.



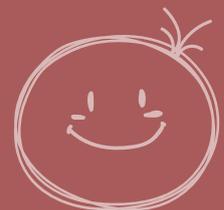
Entrevista completa em <https://www.youtube.com/watch?v=hxedNyidyew>

Depois conhecer um pouco sobre a crônica e também sobre o escritor do texto que iremos ler, você já pode ter começado a imaginar quais assuntos podem estar no texto, suas ideias e pretensões com a sua escrita. A fim de compartilharmos depois, registre suas impressões sobre o autor – parece que escreve sobre coisas interessantes? É bem-humorado? Usa uma linguagem de fácil compreensão? Defende algum ideal? Gosta do seu ofício? Que perguntas faria a ele se pudesse? Entre outras coisas que observar.

Expectativa de resposta: Impressões dos alunos. Professor (a), colabore na construção das conclusões, destacando fatos e informações sobre o autor

II Organização: Atividade II

Coisa de brasileiro



Coisa de brasileiro

Esse segundo conjunto de atividades está agrupado em seis etapas que pretendem primeiro problematizar os temas tratados na crônica, depois refletir sobre sua constituição discursiva, por último centrar na constituição linguística do texto enquanto fonte de texto em si, depois como pertencente a um gênero específico. Sempre com foco na estruturação linguística para efeito de sentido e de discurso, nesse segundo com foco na formação crítica do leitor. Por ser um pouco mais longa, deixo aqui um comentário geral, mas a cada atividade, pode haver novos comentários. Lembrando que esta proposta já foi aplicada na sala de aula, os comentários traçados tem como objetivo compartilhar a experiência, aperfeiçoando o trabalho.

Colega professor (a), manter a curiosidade da turma pode ser um grande desafio, a fim de manter essa chama acesa, poderia transformar as questões em um joguinho. Para tanto, a turma seria dividida em grupos pequenos de maneira que os estudantes pudessem trocar informações. O professor poderia separar um espaço no quadro para as curiosidades dos alunos, à medida que fossem surgindo, a partir dessas observações, o professor solicitaria a atenção da turma para resolver as questões. O jogo também pode ser proposto através do cumprimento das etapas das atividades, é uma maneira de que os alunos percebam o quanto avançaram e quais os conhecimentos assimilados. Outra maneira de ajudar a manter o foco é solicitar que o aluno faça breves anotações do que entendeu de cada texto.

Coisa de brasileiro

Aulas	Objetivos	Sugestão de Atividades
<p>1ª e 2ª aula – O que vamos encontrar? e Hora de refletir</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre os hábitos dos brasileiros e de como nós nos vemos; - Ampliar o conhecimento de mundo dos alunos sobre as práticas da justiça brasileira; 	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre o ditado popular “Deus é brasileiro”; - Assistir ao vídeo “Pena”; - Discutir sobre os dados da pesquisa de como o brasileiro se vê; - Responder as questões em dupla, em seguida compartilhar a resposta.
<p>3ª Leitura Programada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar hipótese sobre os temas do texto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura silenciosa, leitura dramatizada, leitura programada
<p>4ª aula – Estamos conversando sobre...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre o comportamento do brasileiro; - Analisar a crítica presente no texto aliado à construção do humor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Responder as atividades em dupla; - Compartilhar e discutir as respostas.
<p>5ª aula – Olhando com a lupa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atentar a construção e estrutura da crônica, analisando criticamente o discurso dos personagens 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizadas as atividades da sessão em pequenos grupos, além de analisar e compartilhar as respostas.
<p>6ª aula – Analisando as sequências</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar a estrutura da sequência narrativa. 	<p>Responder individualmente as questões da sessão e compartilhar a resposta através da dinâmica “passa a régua”.</p>



Comentário:

Os textos apresentados servem para problematizar o tema da atividade que é o mau comportamento das autoridades e celebridades brasileiras, mas também servem para autorreflexão, sendo:

Texto I – A discussão sobre se Deus é brasileiro, com o objetivo de refletir sobre a influência divina na vida do brasileiro, que servirá para discutir um ponto importante do texto – a absolvição dos pecados dos brasileiros e a conseqüente entrada no céu. Pretende-se que aqui o professor trabalhe a questão do jeitinho brasileiro.

Texto II – Um vídeo de cinco minutos sobre o quanto à justiça brasileira é tendenciosa ao fazer distinção entre pobres e ricos. Refletir sobre o tráfico de influência que possibilitou a entrada.

Texto III – Uma manchete de jornal revela o que foi discutido no vídeo. Mas dessa vez pertencente ao mundo ordinário. Nessa atividade a conjunção dos mundos ordinário (real) e virtual (ficcional) ocorrerá por meio da verossimilhança, pois não há marca linguística da conjunção dos mundos.

Texto IV – Com esse pode-se discutir a impunidade da classe política. A charge, apesar de não trazer marcas linguísticas do mundo ordinário (aqui e agora), pode nos apoiar nas marcas extralinguísticas – data de publicação, jornal – fazendo a ponte entre o real e ficcional. Professor (a) é importante destacar esse raciocínio no momento da leitura do texto.

O que vamos encontrar?

Texto I
Deus é Brasileiro



Texto II - Assista!

Vídeo Pena do canal Porta dos Fundos, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ndlqyc-jSSs>

Texto III
Manchetes



Manchete: Por 6 a 5, Supremo decide dar nova chance a 12 réus do mensalão

Celso de Mello desempatou, e tribunal aceitou embargos infringentes. Com isso, José Dirceu e mais 11 réus serão julgados novamente.

Texto IV - Charge



Hora de Refletir

- 1- Assinale os itens que você observou das discussões feitas até aqui.
- a) Deus é brasileiro, porque não há desastres naturais no Brasil.
 - b) O povo brasileiro tem muita fé.
 - c) As pessoas com maior poder financeiro conseguem se safar de seus crimes.
 - d) Todos respondem por seus delitos, independente da influência ou condição financeira.
 - e) Os brasileiros se veem negativamente.
 - f) Todos os brasileiros desejam ser ricos para poder ter influência e prestígio.
 - g) Há muita desigualdade no Brasil.

Expectativa de resposta: Conclusões do aluno. Professor (a), na minha experiência pedi que os alunos compartilhassem suas impressões e justificassem suas escolhas oralmente.

- 2- É muito comum ouvir os próprios brasileiros reclamando sobre a corrupção, malandragem, mas ao mesmo tempo falando da generosidade e simpatia de si. Considerando tudo que já foi lido e discutido, enumere alguns hábitos que são considerados exclusivos dos brasileiros.

Expectativa de resposta: espera-se que destaque, entre outros, o jeitinho brasileiro, o desejo de se safar de tudo. Caso essa expectativa não seja alcançada, vale a pena instigar no debate.

- 3- O vídeo e a charge são textos ficcionais, mas relatam a nossa realidade. O que você destaca de semelhança entre o mundo real e o mundo criado?

Expectativa de resposta: Tanto a charge quanto o vídeo tratam da impunidade dos políticos que praticam crimes, é comum ver políticos que saem isentos de seus crimes. Professor(a), se achar necessário, discuta com eles o ditado popular “tudo acaba em pizza”

- 4- A manchete traz informação sobre os embargos infringentes (a grosso modo, é um recurso em que o advogado pede a revisão de uma pena) solicitados pelos réus do mensalão. Em sua opinião, o que faz com que a justiça conceda tantos recursos a pessoas que tem altas condições financeiras?

Expectativa de resposta: As pessoas que possuem maior poder aquisitivo conseguem prolongar e às vezes até não pagar por seus crimes. O poder aquisitivo leva à influência para solucionar os problemas com a justiça. Professor(a), frise bem essa questão, pois será necessária para as próximas discussões.

Leitura Programada

Comentário: Por se tratar de um texto narrativo, é interessante fazer uma leitura dramatizada, depois de uma leitura silenciosa. A discussão se faz através da leitura Programa, em quem a leitura é feita ao poucos, à medida que as discussões avançam.



Hábito Nacional

Luís Fernando Veríssimo

Por uma destas coincidências fatais, várias personalidades brasileiras, entre civis e militares, estão no avião que começa a cair. Não há possibilidade de se salvarem. O avião se espatifará – e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, “espatifar” é o termo apropriado – no chão. Nos poucos instantes que lhes restam de vida, todos rezam, confessam seus pecados, em versões resumidas, e entregam sua alma à providência divina. O avião se espatifa no chão. São Pedro os recebe de cara amarrada.

O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm. São Pedro interrompe com um gesto irritado.

– Eu sei, eu sei.

Aponta para uns formulários em cima de sua mesa e diz:

– Recebemos suas confissões e seus pedidos de clemência e entrada no céu.

O Porta-voz engole em seco e pergunta:

– E... então?

São Pedro não responde. Olha em torno, examinando a cara dos suplicantes. Aponta para cada um e pede que se identifiquem pelo crime:

– Torturador.

– Minha financeira estourou. Enganei milhares.

– Corrupto. Menti para o povo.

– Sabe a bomba, aquela? Fui o responsável.

– Roubei.

– Me locupletei.

– Matei.

Etcétera. São Pedro sacode a cabeça. Diz:

– Seus requerimentos passaram pela Comissão de Perdão e foram rejeitados por unanimidade. Passaram pelo Painel de Admissões, uma mera formalidade, e foram rejeitados por unanimidade. Mas como nós, mais que ninguém, temos que ser justos, para dar o exemplo, examinamos os requerimentos também na Câmara Alta, da qual eu faço parte. Uma maioria esmagadora votou contra. Houve só um voto a favor. Infelizmente, era o voto mais importante.

– Você quer dizer...

– É. Ele. Neste caso, anulam-se todos os pareceres em contrário e prevalece a vontade soberana d’Ele. Isto aqui ainda é o Reino dos Céus.

– E nós podemos entrar?

São Pedro suspira.

– Podem. Se dependesse de mim, iam direto para o Inferno. Mas...

Todos entram pelo Portão do Paraíso, dando risadas e se congratulando. Um querubim que assistia à cena vem pedir explicações a São Pedro.

– Mas como é que o Todo-Poderoso não castiga essa gente?

E São Pedro, desanimado:

– Sabe como é, Brasileiro...



Estamos conversando sobre...

- 1- Essa crônica está reunida em livro com o título Comédias para ler na escola. Luiz Fernando Veríssimo disse na entrevista que o humor precisa ser sutil, e traz alguma crítica. Considerando essas duas informações e sua percepção sobre a crônica, o texto traz humor aliado à crítica?

Expectativa de resposta: Professor (a), espera-se que o aluno tenha percebido a crônica temo humor que serve para criticar o comportamento das personalidades brasileiras, para isso o autor cria um mundo impossível.

- 2- As hipóteses levantadas antes da leitura com as questões que foram respondidas no item anterior, sobre o comportamento dos políticos brasileiros, foram confirmadas? Justifique

Expectativa de resposta: Espera-se que o aluno faça relação entre as discussões realizadas nas questões, como perceber que as vítimas do acidente são pessoas influentes. Espera-se que se estabeleça uma relação entre o texto fictício e a realidade.

- 3- Que assuntos são abordados no texto?

Expectativa de resposta: Tráfico de influência, injustiça, desigualdade.

- 4- A partir de um paralelo entre o julgamento das personalidades no céu e na terra, levante críticas à justiça. Quais seriam essas críticas?

Expectativa de resposta: Tráfico de influência, injustiça, desigualdade.

- 5- Analise as charges abaixo e responda a seguir. As duas charges e o vídeo reforçam as críticas presentes na crônica?



Expectativa de resposta: Sim, por mostrar que a justiça é tendenciosa – isso acontece no vídeo quando o deputado fica livre; na charge I, quando a justiça não enxerga as injustiças sofridas pelos mais pobres; na charge II, ao ignorar a figura que carrega sacos de dinheiro.

- 6- Destaque, em cada um dos textos, ao menos um efeito de humor e indique que crítica ele produz.

a) Charge 1:

Expectativa de resposta: Ironia, ao fazer com que a faixa dos olhos da Justiça cumpra a função de não fazê-la enxergar quem precisa dela, reforçado pela hipocrisia de ouvir os mais pobres, mas não solucionar seus problemas.

b) Charge 2:

Expectativa de resposta: Ironia ao mostrar a justiça séria, com a balança e a espada em mãos, mas que ignora as injustiças por conta do valor econômico.

c) Vídeo:

Expectativa de resposta: Ridicularização da justiça, ao destacar fatos da defesa que não deveriam importar para a justiça – a vitória do Vasco, os dentes brancos, o bom-humor da esposa do juiz, entre outros.

Professor(a), pode ser que o aluno faça outros destaques, dependerá do seu conhecimento prévio.

8- Dos destaques que fez, quais se relacionam com a crônica?

Expectativa de resposta: Os Três destaques se relacionam com a crônica, no primeiro ignora-se os apelos por justiça – ninguém no céu concordou com a decisão do Todo Poderoso; pode-se inferir que os brasileiros foram perdoados por serem influentes, pois todas as personagens pertencem a mesma classe; há uma ridicularização do paraíso ao permitir que as pessoas que cometeram crimes graves entrem no céu.

Olhando com a lupa



1- Em grupo, formulem uma questão para cada item abaixo, depois as questões serão sorteadas entre os grupos para serem respondidas:

- a) O assunto tratado na crônica;
- b) Sobre a organização do texto;
- c) A linguagem utilizada para dar o efeito de humor;

Comentário: essa atividade é interessante para reforçar os conceitos trabalhados até aqui. Assim, os alunos materializam a discussão ao formar questões e serem capazes de responder, além do professor conseguir perceber no que a turma ainda precisa avançar.

2- O que revela sobre o comportamento da justiça terrena, o fato de várias personalidades brasileiras estarem no avião? Para refletir sobre isso, apoie-se na fala do narrador “O avião se espatifará - e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, “espatifar” é o termo apropriado - no chão”.

Expectativa de resposta: As personalidades brasileiras gozavam de liberdade, pois não há indício no texto já terem pagado por seus pecados. Professor(a), comente que o som da palavra espatifar lembra patife.

3- Já na apresentação do texto, há uma série de pistas de que a entrada das personalidades brasileiras no céu pode não ser possível, isso é visto através das avaliações:

I - Narrador: “e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, “espatifar” é o termo apropriado”

II- Observação do narrador: “São Pedro os recebe de cara amarrada”;

III- “O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm”.

Que explicação pode ser dada sobre cada um desses fatos?

I. Expectativa de resposta: O narrador faz um julgamento negativo do caráter dos passageiros do avião, a prova está em usar o termo espatifar, que sonoramente lembra patife.

II. Expectativa de resposta: São Pedro também faz uma avaliação negativa das vítimas do acidente. Já sabia o resultado do julgamento, por isso estava irritado, já que pessoas que cometeram crimes graves não pagariam por seus pecados.

III. Expectativa de resposta: Há duas leituras para a expressão “esperando o pior” tanto é uma leitura da fisionomia irritada de São Pedro, como também por se reconhecerem inaptos para entrar no céu, esperam o pior.

4- Vamos sintetizar o que disse na questão anterior, apontando a avaliação sobre as personalidades brasileiras que se encontravam no avião:

- a) Qual a avaliação do narrador?
- b) Qual a avaliação dos próprios personagens – as personalidades brasileiras?
- c) Qual a avaliação de São Pedro e demais santos do céu?
- d) Qual a avaliação do Todo poderoso?

Comentário: o objetivo em repetir essa questão é para que o aluno perceba as várias vozes no texto. É importante que ele saiba que cada personagem representa uma entidade social – o narrador representa a voz do autor, que é reconhecida não só por esse texto, mas pela entrevista, na qual deixou claro seu posicionamento sobre as injustiças ao falar da ditadura; os personagens são celebridades, pressupõe que pertencem a classe dominante, a qual tem prestígio e influência, não pagando por seus crimes; os santos a parcela da sociedade incapaz de mudar sua realidade; o Todo Poderoso o poderes opressores que agem por interesse particular, cabe destacar que meus alunos continuaram vendo-o como bom, como alguém que deu aos passageiros uma segunda chance. Nesse caso, para resultados mais críticos seria interessante...

5- Vamos sintetizar o que disse na questão anterior, apontando a avaliação sobre as personalidades brasileiras que se encontravam no avião:

As crônicas, quando humorística, têm o propositos de promover alguma crítica, já analisamos no texto às várias críticas sobre o comportamento da justiça, das personalidades, do brasileiro de modo geral. Para tanto, o narrador vale-se da construção de efeitos de humor. A fim de perceber isso com mais clareza, responda as questões abaixo.

- a) A escolha de um termo apropriado “espatifar” provoca que efeito de humor? Qual a crítica feita através deste efeito?

Expectativa de resposta: O efeito do humor está no trocadilho sonoro de espatifar e patife. Professor(a), como essa palavra já foi discutida antes, espera-se que o aluno a compreenda como efeito de humor.

b) Explique o humor que se extrai da tramitação dos requerimentos na Câmara Alta localizada no céu.

Expectativa de resposta: há um exagero sobre os processos, que passam por diversas instâncias, satirizando o sistema judiciário.

c) A irritação de São Pedro também pode ser considerada um traço de humor? Que críticas isso revela?

Expectativa de resposta: Professor(a), comente que o inesperado também é uma estratégia de humor, o fato de um santo estar irritado, causa humor. As críticas estão no motivo da irritação, que revelam as injustiças.

6- Ao produzir um texto, seu agente-produtor escolhe estruturas, palavras, que provoquem o efeito de sentido ou a crítica desejada. No caso da crônica, ao escolher as vítimas do acidente aéreo, personalidades brasileiras como civis e militares, ele se propõe a fazer uma crítica. Qual seria?

Expectativa de resposta: As pessoas de alto poder aquisitivo, sendo influentes, não pagam por seus crimes, fazendo uma crítica ao comportamento dessas pessoas que se aproveitam de sua condição, ao sistema judiciário que é tendencioso.

7- O que poderia justificar a atitude de perdão dada aos brasileiros pelo Todo poderoso?

Expectativa de resposta: Duas hipóteses podem ser levantadas, a primeira de que o Todo Poderoso tem nacionalidade brasileira, e por camaradagem perdoa os pecados, ou que o Todo Poderoso foi influenciado pelas constantes orações e perdoou os pecados.

Analisando a sequência do texto

1- A estrutura desse texto colabora com a percepção da crítica ao comportamento do brasileiro, a qual está atrelada aos efeitos de humor, pois cada mudança de fase da sequência narrativa provoca um efeito de humor. Com a finalidade de perceber isso com mais clareza, enumere a 2ª coluna de acordo com a 1ª. É possível repetir os números da primeira coluna.

- I. Situação Inicial.
- II. Complicação.
- III. As ações desencadeadas pela complicação.
- IV. A resolução.
- V. Há solução – entenda solução como o retorno ao equilíbrio da narrativa.
- VI. Moral implícita.

- (II) A queda do avião.
- (III) A chegada ao paraíso.
- (I) Várias personalidades entre civis e militares estão em um avião .
- (III) Recebimento dos formulários.
- (IV) A entrada no paraíso.
- (V) O questionamento do querubim.
- (VI) Sabe como é, brasileiro...
- (III) Os requerimentos passaram por todas as instâncias

2- Quanto ao propósito comunicativo, o texto consegue (marque mais de um item):

- a) Alcançar as expectativas;
- b) Deixar a desejar, uma vez que poderia ter mais humor;
- c) Apresentar uma crítica ao sistema político brasileiro;
- d) Prevaler à crítica ao mau hábito de conseguir se safar;
- e) Ser engraçado, sendo essa a única finalidade do texto;
- f) Cumprir o papel de entreter de forma bem-humorada;

Expectativa de resposta: Resposta pessoal. Professor (a), na minha experiência, discuti com os alunos sobre o que eles marcaram e foi bastante produtivo.

3- Em relação aos elementos do texto:

- a) O cenário construído pelo narrador remete ao Congresso Nacional;
- b) A época na qual se passa a narrativa poderia ter semelhanças com o período histórico no qual vivemos atualmente;
- c) Os personagens são facilmente identificáveis no nosso cotidiano;
- d) São Pedro teria um papel antagônico dentro da narrativa em relação aos demais personagens;
- e) A temática predominante na crônica permanece atual ao observar o cenário político.

Expectativa de resposta: Resposta pessoal. Professor(a), nesta questão também discuti com os alunos sobre o que eles marcaram e foi bastante produtivo.

4- Os textos narrativos de modo geral apresentam-se com verbos no passado, pois se conta algo que já se passou, mas há situações em que são construídos no presente, como a narração de um jogo de futebol. De posse dessa reflexão, analise o trecho de abertura da crônica e reflita sobre essa escolha de deixar os verbos no presente. Em seguida, comente sobre o efeito de sentido que isso provoca.

Por uma destas coincidências fatais, várias personalidades brasileiras, entre civis e militares, estão no avião que começa a cair. Não há possibilidade de se salvarem. O avião se espatifará - e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, “espatifar” é o termo apropriado - no chão. Nos poucos instantes que lhes restam de vida, todos rezam, confessam seus pecados, em versões resumidas, e entregam sua alma à providência divina. O avião se espatifa no chão. São Pedro os recebe de cara amarrada. O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm. São Pedro interrompe com um gesto irritado.

Expectativa de resposta: Os verbos no presente trazem a impressão de algo que está acontecendo, que o narrador está presenciando os fatos, conferindo valor de verdade. Professor(a), seria interessante discutir com os alunos a função do presente histórico.

5- Ao transferir os verbos para o passado é possível haver alguma mudança de sentido no texto que provoque novas hipóteses sobre o desenrolar da narrativa e/ou dos personagens? Faça a mudança e anote suas conclusões.

Por uma destas coincidências fatais, várias personalidades brasileiras, entre civis e militares, _____ no avião que _____. Não _____ possibilidade de _____. O avião se _____ - e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, “espatifar” é o termo apropriado - no chão. Nos poucos instantes que lhes _____ de vida, todos _____, _____ seus pecados, em versões resumidas, e _____ sua alma à providência divina. O avião se _____ no chão. São Pedro os _____ de cara amarrada. O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm. São Pedro interrompe com um gesto irritado.

Expectativa de resposta: Espera-se que os alunos completem corretamente os espaços, e percebam a diferença entre os tempos verbais. Neste caso, os verbos no passado não trazem o mesmo valor de verdade que no presente, assim como também não remete a ideia de viver a história enquanto conta

6- Ao final da narrativa a escolha de outro tempo verbal “Um querubim que assistia à cena vem pedir explicações a São Pedro”. O verbo no imperfeito do indicativo permite que o querubim esteja em um lugar estratégico, ele assiste a tudo, por isso é possível exercer um papel importante na avaliação das personalidades brasileiras. Ao tempo que é gatilho para mais um efeito de humor que introduz uma crítica. Explique o mecanismo de humor e a crítica realizada pelo querubim

Expectativa de resposta: A ação do querubim acontece antes, durante e depois da chegada dos brasileiros no céu, tornando-o testemunha ocular do caso. O fato de discordar do Todo Poderoso reforça a arbitrariedade do comportamento dele. Isso mostra também o ceticismo do agente-produtor sobre a possibilidade de haver justiça, já que até a figura mais justa do universo comete injustiça. O gatilho do riso solta o desânimo de São Pedro, esse exagero confere o riso.

III Organização: Atividade III

Rir para refletir sobre coisa séria



Prezado(a) Professor(a), esse terceiro conjunto de atividades sobre a crônica “Invólucro” segue a mesma estrutura que o segundo conjunto, com exceção dos aspectos do texto que serão destacados, pois esse é um texto de predominância argumentativa. Nesse contexto, a crítica ao mundo ordinário (real) na interação dos mundos. Os efeitos de humor são tão sutis quanto do texto anterior, e servem também para construção da crítica.

Aulas	Objetivos	Sugestão de Atividades
<p>1ª aula – O que vamos encontrar?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar o conhecimento de mundo do aluno sobre a teoria da evolução das espécies, a fim de possibilitar a interpretação crítica da crônica; - Discutir sobre a influência tecnológica e a mudança de hábitos do ser humano; - Refletir sobre as críticas presentes no texto quanto ao comportamento do ser humano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar o significado das palavras evolução e invólucro; - Assistir um vídeo de 4 min sobre a seleção natural das espécies; - Discutir os conceitos de neodarwinismo e criacionismo, aplicado a reflexão da evolução humana; <p>Estímulo: Bala para quem respondesse.</p>
<p>2ª e 3ª aula – Hora de refletir e Leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fechar as discussões feitas direcionando para a crônica; - Discutir os temas presentes na crônica 	<ul style="list-style-type: none"> - Responder coletivamente as questões que precedem à crônica; - Executar a leitura da crônica, tanto de forma silenciosa quanto em conjunto; <p>Estímulo: Pirulito para quem comentasse a resposta do colega.</p>
<p>4ª aula – Estamos conversando sobre...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir sobre a pseudoevolução humana considerando seu comportamento social; - Analisar a construção do humor com a finalidade de perceber o assunto sério. 	<ul style="list-style-type: none"> - Responder a atividade em dupla em seguida discutir com os alunos suas respostas. <p>Estímulo: anotação da resposta no quadro feita pelos próprios alunos.</p>

Rir para refletir sobre coisa séria

Aulas	Objetivos	Sugestão de Atividades
5ª aula – Olhando com a lupa	- Analisar os aspectos estruturais da crônica e os efeitos de humor	- Responder individualmente a atividade e discutir as respostas coletivamente. Estímulo: permitir que ouvissem música enquanto respondem.
6ª e 7ª aula	- Analisar a sequência explicativa e argumentativa da crônica; - Analisar os mecanismos de conexão, coesão nominal e verbal; - Fazer uma avaliação oral das atividades desenvolvidas.	- Responder as atividades propostas em grupos pequenos, para que assim os alunos possam trocar conhecimento sobre o que foi discutido até então. Estímulo: o grupo mais empenhado receberia ponto extra.



Durante as atividades, sugiro a contextualização dos textos que estão sendo utilizados:

Texto I, é verbete do dicionário; ao discutir sobre o significado da palavra *evolução*, vale destacar o valor da palavra *evolução* para a biologia, trata-se de considerar apenas como uma mudança, necessariamente não é algo bom.

Texto II, também é um verbete, sobre o segundo, destaca-se o fato de ser apenas uma cobertura, mas que muitas vezes, valem mais do que aquilo que está revestindo.

Perguntas como: Os invólucros conseguem revelar o que estão envolvendo? A embalagem às vezes pode se tornar mais importante do que o produto que envolve?

Os textos seguintes tratarão de Charles Darwin, biólogo que tentou explicar a origem das espécies, a principal fonte é o livro *Origem das Espécies* (DARWIN, 2003):

Texto III parte de uma tirinha – vale destacar o fato de Darwin explicar que todos os seres vivos tem uma origem comum, portanto não há um ser superior a outros;

Texto IV um esquema produzido a partir do livro de Darwin (2003), a finalidade é o aluno perceber que as mudanças são graduais, lentas, que todos temos um ancestral comum que se modificou. Aqui é importante esclarecer que essa modificação depende do ambiente em que está inserido. Até chegar ao que se é hoje, houve um longo processo de seleção da natureza, de modo que apenas os adaptados ao ambiente sobreviveram. Através da pergunta: Será que o homem pratica a seleção social? Essa seleção exclui aqueles que não possuem algum bem ou não dominam certo saber? Esse ponto é especialmente importante para a compreensão do primeiro parágrafo do texto, quando o autor diz que os dedos finos dominarão a terra, pois eles podem usar as aparelhagens tecnológicas.

Textos V e VI são os trechos de um texto científico, suas características precisam ser destacadas nos trechos escolhidos, não há marca de personalidade, as informações tem valor de verdade, pertencem ao mundo ordinário (real), trata-se de um texto expositivo. Destaca-se no texto V uma voz que auxilia “afirma-se”, disso podem surgir questões: quem afirma? Essa voz serve para confirmar as hipóteses da teoria? Qual a importância dela?

O que vamos encontrar?

2.1 O que vamos encontrar?

Às vezes, podemos considerar um texto difícil de compreender, porque não realizamos algumas ligações com o assunto – como aquela piada que faz sentido depois que todos riram, por isso antes mesmo de ler o texto, vamos discutir sobre assuntos que estão no texto.

Intertextualidade

A intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido (...) é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de redação (KOCH, 2012).

Texto I

Definição:

evolução | s. f.

e·vo·lu·ção

substantivo feminino

1. Movimento de tropas, de navios, etc. (para mudarem de formatura ou de direção).
2. Nova fase em que entra uma ideia, um sistema, uma ciência, etc.
3. Desenvolvimento ou transformação gradual e progressiva (operada nas ideias, etc.).
4. Movimento (em exercício ginástico).
5. Crescimento; desenvolvimento; aperfeiçoamento; exercício.

Texto II

in·vó·lu·cro

(latim involucrum, -i)

substantivo masculino

1. [Botânica] Reunião de folhas florais ou de brácteas que rodeiam as flores ou os pedúnculos.
2. Coisa que envolve, reveste ou cobre outra coisa. = ENVOLTÓRIO

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

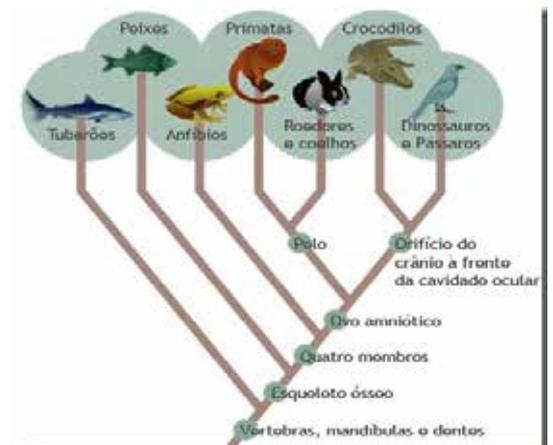
Depois de guardar essas palavras, vamos agora nos deparar com o assunto que serve para introduzir o tema discutido no texto – a teoria da seleção natural das espécies, de Charles Darwin e o conceito do Criacionismo.

Vejamos outros textos

Imagem 1 ⁷



Imagem 2 ⁸



Fonte: www.umsabadoqualquer.com.br

Fonte: http://tanya-biologia.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html

Q que vamos encontrar?

Texto V⁹

A seleção natural pode modificar profundamente uma adaptação que somente seja muito útil uma vez durante a vida de um animal, se é importante para ele. Tais são, por exemplo, os grandes maxilares, que possuem certos insetos e que empregam exclusivamente para abrir os casulos, (...). Afirma-se que, entre as melhores espécies de pombos cambalhotas de bico curto, morrem no ovo mais filhotes do que os que podem sair; também os amadores vigiam o momento da eclosão para auxiliar os filhotes se disso tiverem necessidade. Ora, se a natureza queria produzir um pombo de bico muito curto para vantagem desta ave, a modificação seria muito lenta e a seleção mais rigorosa se faria no ovo, e sobreviveriam somente aqueles que tivessem o bico bastante duro, porque todos os de bico fraco morreriam inevitavelmente (p. 100).

{...}

Todavia, encontramos outro caso nos pombos, isto é, “a aparição accidental, em todas as raças, de uma coloração azul-ardósia, de duas faixas negras sobre as asas, dos flancos brancos, com uma barra na extremidade da cauda, de que as penas exteriores são, junto da base, exteriormente bordadas de branco. Como estes diferentes sinais constituem um caráter de origem comum” (DARWIN, 2003, p. 134).

Texto VI

Criacionismo¹⁰

O criacionismo se baseia na fé da criação divina, como narrado na Bíblia Sagrada, mais especificamente no livro de Gênesis na qual Deus criou todas as coisas, inclusive o homem. Vale lembrar que diversas culturas possuem sua versão própria do criacionismo, como é o caso da mitologia grega, da mitologia chinesa, do cristianismo, entre outras.

Trecho do livro *A origem das espécie, com adaptações de Darwin – autor da teoria da seleção natural*.
Fonte: <http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html>

Hora de Refletir

1- Os textos I e II trazem os significados das palavras evolução e invólucro. Considerando o que lemos e discutimos, qual a definição da palavra evolução que se aplica ao processo de seleção natural?

Expectativa de resposta: item 3, Desenvolvimento ou transformação gradual e progressiva (operada nas ideias, etc.) – necessariamente não implica em uma qualidade. Ao destacar esse significado, o aluno reconhece que é possível ter esperança em mudanças na sociedade.

2- A tirinha (texto III) pertence à ficção, mas foi escrita com base na teoria de Darwin (texto V). Podemos dizer que há junção entre a realidade e a ficção? Qual o efeito provocado por essa junção?

Expectativa de resposta: Há junção dos dois mundos, o efeito alcançado foi à crítica aos que preferem manter o mundo na ignorância, além de conseguir um efeito de humor ao tratar a humanidade como criança.

3- Percebeu que todas as espécies têm uma origem comum? Qual a implicação disso?

Expectativa de resposta: há uma origem comum, isso seria uma evidência que somos iguais desde a nossa origem.

4- O texto V apresenta uma explicação científica para a origem das espécies. A explicação científica pode anular a explicação religiosa do texto VI? Explique seu ponto de vista.

Expectativa de resposta: Espera-se que os alunos se posicionem a favor ou contra. Vale ressaltar que esse conteúdo não faz parte do ensino fundamental, então ainda não foi discutido, o que exige mais esclarecimentos por parte do professor.

5- O texto V apresenta uma explicação científica para a origem das espécies. A explicação científica pode anular a explicação religiosa do texto VI? Explique seu ponto de vista.

Expectativa de resposta: Espera-se que fale sobre algum tipo de mudança no corpo do homem.



Involúcro

Luís Fernando Veríssimo

Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto, com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos. Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a Terra. Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão: o indicador para digitar (e para indicar, claro), o dedão opositor para poder segurar as coisas e o mindinho para limpar o ouvido.

Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo — talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia. E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele. Imagine as vantagens que isto traria. No lugar de derme e epiderme, uma pele transparente que permitisse enxergar todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas de nos ver por dentro. Bastaria o paciente tirar a roupa para o médico olhar através da sua pele e dar o diagnóstico, sem precisar apalpar ou pedir exames.

Está certo, seríamos horrorosos. Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social. "Beleza interior" adquiriria um novo sentido e ninguém seria muito mais bonito que ninguém, embora alguns pudessem ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo de mulheres com pouca roupa ainda continuasse a receber elogios ("Que vesícula!"). Acabaria a inveja que as mulheres têm, uma da pele das outras, e a conseqüente necessidade de peelings, liftings, botox, etc. E como todas as peles teriam a mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo.

Fica a sugestão, para quando nos redesenharem.



Estamos conversando sobre...

1- É possível perceber a junção do mundo ordinário (real) e do virtual (criado) trabalhados nos textos da sessão anterior?

Expectativa de resposta: Há uma conjunção entre os dois mundos, isso se revela quando fala da tecnologia no primeiro parágrafo, em seguida inseri a estrutura “Se vale a teoria da seleção natural de Darwin”.

2- No primeiro parágrafo, há uma explicação sobre as novas tecnologias da comunicação, discutindo sobre como elas mudaram e como isso pode modificar nossa biologia “Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos” isso pode ser considerado uma evolução? Todos têm acesso e facilidade em usar?

Expectativa de resposta: resposta pessoal, isso depende da experiência pessoal do aluno, se houver na família alguém que não saiba usar a tecnologia, e se isso faz com que a pessoa seja excluída ou ridicularizada.

3- No texto, as novas tecnologias são capazes de modificar a biologia do ser humano “as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão”. De acordo com as discussões feitas até aqui, você acha que isso é possível? Isso está no mundo ordinário (real) ou virtual (criado)?

Expectativa de resposta: Espera-se que o aluno perceba a analogia feita pelo agente-produtor, para falar do processo de exclusão das pessoas que não se apropriaram das novas tecnologias, além disso, perceba que o agente-produtor mencionou um raciocínio falso a fim de criar um mundo ficcional. Você professor(a), pode destacar que isso é uma característica da crônica, a conjugação entre o mundo ordinário (real) e virtual (ficcional).

4- O texto teórico apresenta o processo de adaptação considerando o ambiente natural, e para isso usa ideias com valor de verdade. Isso também acontece na crônica Invólucro, ou seja, o primeiro parágrafo é marcado por um discurso científico. Qual a função desse na construção de um texto literário?

Expectativa de resposta: Espera-se que o aluno veja isso como estratégia para provocar reflexão sobre assuntos sérios. Caso o aluno sinta dificuldade de chegar a essa conclusão, o professor(a) poderia intervir falando do papel da crônica em provocar reflexão e fazer crítica.

5- Ao utilizar o “Se vale a teoria da seleção natural de Darwin”, o agente-produtor levanta uma hipótese a fim de introduzir um raciocínio. Este, pode ser considerado falso ou verdadeiro? Qual a explicação.

Expectativa de resposta: O raciocínio é falso, porque para que a teoria valha seria necessário encontrar alguém na natureza com as características apontadas, além disso, é através desse raciocínio falso que ele introduzirá a possibilidade de uma pele trepante.

6- Você destacaria algum efeito de humor nesse primeiro parágrafo? Qual? (Lembre-se do nosso acordo na última aula)

Expectativa de resposta: Ridicularização do ser humano ao dizer que os dedos grossos desaparecerão, dizer que a única utilidade prática dos dedos é contar até dez, dizer da utilização do dedo mindinho para coçar o ouvido. Caro(a) Professor(a), pode ainda discutir com os alunos o efeito de humor nonsense, criação de uma situação absurda, que não encontra respaldo na realidade

7- O humor na crônica tem a função de introduzir um assunto sério. Considerando tudo que foi discutido sobre o processo de seleção natural, sobre o possível desaparecimento dos dedos grossos, quais os assuntos sérios introduzidos pelo texto?

Expectativa de resposta: A crítica introduzida por esse efeito de humor é a impossibilidade de aceitação das diferenças, pois sempre haverá exclusão.

8- Até esse momento, o primeiro parágrafo e começo do segundo serviu para:

- a) Construir uma argumentação falsa sobre a evolução humana;
- b) Apresentar as evoluções como verdadeiras;
- c) Confirmar as evoluções;
- d) Argumentar a fim de provar que as evoluções acontecerão.

Olhando com a lupa



1- Todas as evoluções apresentadas no texto podem ser justificadas pela influência do meio ambiente sobre o ser humano, entretanto outra surge “E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie de celofane em vez de pele.” Apresente sua reflexão sobre essa evolução, que não pode ser justificada pelo ambiente físico.

Expectativa de resposta: Espera-se que diga: A expressão “e fiquei imaginando” corresponde a algo pensado pelo agente-produtor, que não há justificativa no mundo ordinário (real).

2- Diálogo está sempre presente na crônica, no caso de Invólucro podemos perceber a estratégia de conversar com o leitor no trecho “Imagine as vantagens que isso traria”. O que se pode conseguir com essa estratégia?

Expectativa de resposta: O expositor conseguiu abrir um diálogo com o leitor, levando o leitor a refletir sobre o que está sendo discutido. Nesse caso, o processo de exclusão

3- Podemos dizer que a partir do segundo parágrafo, ao tempo que apresenta uma mudança pensada pelo expositor, ele argumenta sobre as vantagens de se ter uma pele transparente. Quais os argumentos e o que se conseguiu tentar provar?

Expectativas de resposta: Para provar as vantagens da pele transparente, enumera as vantagens de não precisar fazer exames, ser apalpada pelo médico... Professor(a), sugiro refletir sobre o fato dessa vantagem ser comum a qualquer pessoa, que seria positiva principalmente para quem acha a ida ao médico desconfortável.

4- No terceiro parágrafo, há uma continuidade na apresentação das vantagens para a pele transparente. Entretanto, o expositor apresenta algumas desvantagens – contra-argumentos. Para isso ele acrescenta ideias de quem não concorda com ele, utilizando do humor. Aponte os efeitos de humor e a crítica presente nesse trecho.

Expectativa de resposta: Ridicularização ao ostentar um baço mais bem acabado, Ironia ao chamar atenção para Que vesícula! – crítica à necessidade de manter a distinção entre os seres humanos – professor(a) é importante destacar o verbo ostentar. Caso os alunos tenham dificuldade de chegar a essa conclusão, os instigue a pensar como a aparência reforça o preconceito e marca a distinção entre os seres humanos, por exemplo, a ditadura da beleza branca, que será um ponto para a próxima crítica; cômico ao apelar para o senso comum de que as mulheres são invejosas, essa última faz uma crítica à preocupação com a aparência e reforça a distinção, além de marcar a preocupação com o que é externo

5- O expositor construiu um mundo hipotético, em que a pele transparente traz muitas vantagens, tudo como muito humor. Entretanto, no final do texto, a seriedade recebe espaço e retoma a palavra do título “Invólucro”, para tratar o tema central do texto – fim do racismo. Por tudo que foi discutido e por seus conhecimentos de mundo, o fim do racismo seria possível?

Expectativa de resposta: Resposta pessoal. A pretensão dessa pergunta é provocar a autorreflexão do aluno sobre o problema.

Analisando a sequência do texto

1- Ta crônica, como vimos, pode prevalecer o Narrar ou Expor. No caso de Invólucro prevalece o Expor por meio de uma sequência argumentativa, com a apresentação de um raciocínio falso, a fim de introduzir uma tese “E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele”. Qual a função do raciocínio falso para a construção do texto?

Expectativa de resposta: Com o raciocínio falso, o agente-produtor faz a conjugação entre o mundo ordinário (real) e o mundo virtual (ficcional), vale discutir que essa conexão se dá ao ligar a tecnologia pertencente (mundo ordinário) a uma teoria que explica a seleção natural, nesse caso, a seleção é artificial. Ao fazer, está demarcando o espaço da crônica.

2- Para conseguir convencer a você, leitor, sobre a tese defendida, o expositor leva-o a pensar sobre as vantagens da pele transparente “Imagine as vantagens que isso traria”. Analise se os argumentos são fortes o suficiente para comprovar a tese defendida.

Expectativa de resposta: Resposta pessoal – o importante nessa questão é o aluno perceber os argumentos do texto e justificar se são válidos ou não, na opinião dele.

3- A sequência argumentativa é marcada pela premissa, construção de uma tese, argumentos a favor da tese, por vezes também traz contra-argumento, com isso pretende anular as vozes contrárias antecipando argumentos contrários. Explique a importância desse recurso nessa crônica.

Expectativa de resposta: O autor pretende provar que mesmo não havendo igualdade, pois sempre haverá um grupo que distinguirá a fim de manter um domínio, o importante é que as pessoas percebam que são iguais.

4- O fim da sequência argumentativa pode ser marcada por conclusão ou elaboração de outra tese. O agente-produtor conseguiu fazer as duas coisas, mas a elaboração da nova tese não está explícita. O que podemos compreender sobre as esperanças do agente-produtor sobre o fim da discriminação e do racismo?

Expectativa de resposta: Parece ser cético em relação ao fim do racismo, mas como usa a teoria de Darwin para construir seu raciocínio – toda mudança é lenta e gradual, há um fio de esperança – pode ser que o aluno diga que não há esperança do ser humano eliminar o preconceito, uma vez que está esperando que alguém nos redesenhe, considerando a evolução um redesenho

5- Até então podemos ler na crônica as vantagens da pele transparente, o terceiro parágrafo é introduzido com uma desvantagem “Está certo, seríamos horrorosos”, trecho escrito em primeira pessoa do plural. Essa é uma estratégia argumentativa que visa:

- Só confirmar uma verdade e o leitor ficará contrário ao que é defendido no texto;
- Apresentar uma opinião contrária ao que está defendendo, para assim poder apresentar vantagens que anulem o ponto negativo;
- Levantar uma nova hipótese sobre a evolução da pele, que também é positiva;
- Abandonar a ideia inicialmente defendida e introduzir um novo ponto de vista.

Analisando a sequência do texto

6- Analise o contra-argumento “Está certo, seríamos horrorosos” oposto ao argumento “Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social”, com isso se prevalece a vantagem da pele transparente? Depois de avaliar, sem deixar de considerar a pele como um equalizador social, registre suas conclusões.

Expectativa de resposta: A pele transparente deixaria todos iguais, e as pessoas não seriam julgadas pela aparência.

7- Através dos argumentos e contra-argumentos que você analisou, você pode chegar a que conclusão?

Expectativa de resposta: Espera-se que o aluno se posicione sobre o julgamento feito pelos seres humanos em virtude da aparência.



V

ale lembrar que todo texto é uma construção social, produto de diferentes contextos de comunicação, em que se ocupam funções sociais diferentes – filho, estudante, professor, exigindo de nós comportamentos diversos. Por exemplo, Luis Fernando Veríssimo ao escrever a crônica, imbuí-se de seus valores de escritor, que não são os mesmos de pai, de filho, de esposo. Explico melhor, Luis Fernando escreve muito sobre divórcio e brigas de casal, no entanto, isso não significa que o escritor vivencie isso em sua vida particular, conforme disse, em entrevista. O enunciador escritor da crônica assume posições diferentes da vida privada. Isso implica também na escrita. Para a Bronckart (2012), as diferentes entidades sociais serão percebidas como vozes, que podem trazer avaliações e comentários sobre o que está sendo dito. Às vezes será possível até perceber o autor, quando ele trouxer uma marca do seu mundo particular para a esfera pública, no nosso caso, a crônica. Quando isso acontece, essa entidade será chamada de agente-produtor – autor; na maioria das vezes o particular não entra de maneira evidente no texto, mas as ideias são compartilhadas com a entidade pública que pode ser: expositor – a entidade social assumida quando os textos pertencem ao mundo ordinário; ou narrador – quando o texto pertence ao mundo virtual; há momentos em que não haverá avaliação ou comentário, tornando a voz do texto neutra, a qual é chamada de textualizador. Nas minhas aulas foi possível trabalhar com esses conceitos através da analogia com a própria vida dos alunos, perguntei a eles se se comportavam da mesma maneira em todas as situações, se escreviam ou falavam do mesmo jeito, a resposta de todos foi não, pois reconhecem, mesmo sem adotar a nomenclatura, que exercem papéis sociais diferentes. Destaquei também o momento da entrevista de Luis Fernando que mudava o seu texto para protestar contra a ditadura e poder passar pela censura, na década de 1970. Isso é importante para saber que o texto não é isento dos interesses que o rodeiam, que mais coisas foram ditas, portanto podem ser lidas. O leitor crítico percebe as avaliações e comentários presentes no texto, nosso objetivo é formar este leitor.

8- Já analisamos a estrutura do texto argumentativo, e no estudo vemos que o agente-produtor do texto, por vezes, inclui outras vozes a fim de fortalecer seus argumentos. Sendo assim, quais as vozes que aparecem no texto e o que elas defendem?

a) Há quem diga (os humanos sofrerão modificações por conta da tecnologia).

Comentário: Professor(a), discuta com seus alunos que o texto científico é escrito, na maioria das vezes, em terceira pessoa, a fim de garantir neutralidade ao discurso, isso confere valor de verdade ao texto. Essa voz neutra chama-se textualizador, caso considere desnecessário a discussão sobre a nomenclatura, pode reforçar a ideia de neutralidade, em que há a exposição dos fatos, mas sem um julgamento dessas mudanças, se são boas ou ruins. Se o comentário acima não foi suficientemente esclarecedor, no apêndice A, encontrará os conceitos-chave que explicam a teoria que embasam esta pesquisa.

Expectativa de resposta: É um trecho que não traz avaliação, e traz ideia de verdade, parece um texto científico, como os do livro didático – se o aluno chegar a essa conclusão, está muito bom.



b) E (eu) **fiquei** pensando (apresenta a pele transparente como equalizador social).

Comentário: Se mesmo depois das discussões, o aluno dizer que esse EU é o escritor, pergunta quais traços de autoria de Veríssimo podem ser vistos. Como, provavelmente não encontrarão se é possível que os alunos digam que se trata do autor do texto, mas essa é uma oportunidade de trabalhar com os aspectos enunciativos do texto.

c) Está certo, **seríamos** horrorosos.

Expectativa de resposta: A primeira pessoa do plural indica que o expositor está se aproximando do seu leitor. Comentário: é um EU (expositor) + eles (leitor).

d) Embora **alguns** pudessem ostentar

Expectativa de resposta: Todos os seres humanos que mantém distinção e excluem o outro por sua aparência, com os quais o expositor não tem aproximação. Comentário: Prova disso é que usou o pronome indefinido que semanticamente indica pouca quantidade, se fossem muitos, a maioria, o expositor estaria concordando com eles.

e) **Fica** a sugestão.

Expectativa de resposta: É um comentário do escritor, por Luis Fernando ser cético, pode se atribuir a ele essa impossibilidade de mudança

f) Para quando **nos** redeseñharem.

Expectativa de resposta: Expositor e leitor.

Comentário Final

O título – Invólucro – é a palavra-chave para compreender a temática abordada na crônica, a qual é usada no final para garantir a unidade temática do texto, ao mesmo tempo criticar o comportamento humano, ou seja, julgar por seu invólucro, sua embalagem, sua pele, sua história. Por muitas vezes, nós, seres humanos, esquecemos de olhar o outro por dentro – a tal da beleza interior que ganharia outro sentido. Aqui, no Brasil, vivemos a falsa democracia racial, de dizer que todos são iguais, que somos cordiais e amáveis. Às vezes, essa amabilidade é forjada pelo status social que a pessoa possui, e seu grau de influência. Nesse caso, dá-se um jeitinho brasileiro de não enxergar a negritude. Esse longo comentário final, justifica-se, caro aluno, por desse conjunto de atividades que acabou de realizar

BAKHTIN, M. (2003). Gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, texto e discursos: por um interacionismo discursivo**. Trad. Ana Raquel Machado, Péricles Cunha. – 2. Ed., 2. Reimpressão - São Paulo: Educ, 2012.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais para séries finais do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/DPEM **Orientações Curriculares do Ensino Médio**, pp. 14-59. Brasília, DF: MEC/SEB/-DPEM, 2006.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

MACHADO, Ana R. CRISTÓVÃO, Vera Lúcia L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros In: **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set/dez. (2006), disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349, acessado m 27/01/2016.

Sugestões de Leitura

BALTAR, Marcos et al. O Interacionismo Sociodiscursivo na Formação dos Professores: O Perigo Gramaticalização dos Gêneros Textuais. In: **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 8/1, p. 159-172, jun. 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3642/2944> Acesso em: 20/12/2015.

_____. A competência discursiva e gêneros textuais: uma proposta pedagógica para a LPI In: **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 45(2): 175-186, Jul./Dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132006000200002&script=sci_arttext Acessado em 10/12/2015.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem frente à LÍNGUA. In: GUIMARÃES, Ana Maria Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia. (Orgs). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.19-42.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão In: CANDIDO, Antonio. et al. **A crônica, sua fixação e transformação no Brasil** – Campinas: SP editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. Os Gêneros Textuais como instrumento de trabalho. In: DOLZ, J.; et al, **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Adaptação de Joaquim Dolz e Fabrício Decândio; tradução de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. – Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.

ÉRNICA, Maurício. Hipótese sobre o funcionamento do mundos e dos tipos discursivos nos textos artísticos. In: GUIMARÃES, Ana Maria Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia. (Orgs). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.127-144.

FERREIRA, Simone C. S. **A crônica: problemática em torno de um gênero**. 2005.206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia: EDUF, 2005.

_____. Humor na crônica: vozes e silêncios que riem em (de) lugares diferentes. In: **Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva** / organizadores Luiz Carlos Travaglia ... [et al.]. - Uberlândia, EDUFU, 2006. CD-ROM : il.

_____. Afinal, o que é uma crônica? In: TRAVALLIA, Luiz Carlos[et al.]. **Gênero de texto: Caracterização e Ensino**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

KÖCHE, Vanilda Salton. MARINELLO, Adiane Fogali. O gênero textual crônica: uma caderno de atividades voltada ao ensino da leitura e escrita. In: **e-escrita Revista do Curso de Letras** da UNIA-BEU Nilópolis, v.4, Número 3, 256/271 maio-agosto, 2012.

LEURQUIN, E. V. L. **Contrato de Comunicação e Concepções de Leitura na Prática Pedagógica de Língua Portuguesa**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: PPGED-UFRN, 2001.

_____ O espaço da leitura e da escrita em situação de ensino e de aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Eutomia**, Recife, 14 (1): 167-186, Dez. 2014; Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/755>. Acessado em: 20/01/2016.

_____ Gênero Textual e Atividades de Linguagem em Sala de Aula de Português Língua Estrangeira. *No prelo*.

LIMA, Sandra Araújo. **A crônica e a prática escolar de leitura no ensino médio** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2012.

MACHADO, Anna Rachel. Para (re)pensar o ensino de gêneros. **Calidoscópico**. São Leopoldo, v. 2, n. 1, jan./jul. 2004 p. 17-28.

PINTO, Rosalvo. O interacionismo sociodiscursivo, a inserção social, a construção da cidadania e a formação de crenças e valores do agir individual. In: GUIMARÃES, Ana Maria Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. (Orgs). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p.111-120.

POSSENTI, Sírio. O que faz rir, afinal? In: **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p. 121-128.

SANTANA, Sylvania Maria de. O gênero crônica e interdisciplinaridade: contribuições do interacionismo sociodiscursivo. In: Revista Interdisciplinar Ano VII, V.16, jul-dez de 2012 - ISSN 1980-8879 | p. 90-102.

RIBAS, Maria Cristina. Por uma revisão conceitual do gênero crônica: entre a montanha e o rés do chão. In: Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC UEPB _ Campina Grande, PB Internacionalização do Regional 1, 08 a 12 de julho de 2013/ ISSN 2317-157X.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **Comédias para ler na escola**. RJ: Objetiva, 2001.

Anexos



Anexo I - Dúvidas Pascais

- Papai, o que é Páscoa?
- Ora, Páscoa é bem é uma festa religiosa!
- Igual a Natal?
- É parecido. Só que no Natal comemora-se o nascimento de Jesus, e na Páscoa, se não me engano, comemora-se a sua ressurreição.
- Ressurreição?
- É, ressurreição. Marta, vem cá!
- Sim?
- Explica pra esse garoto o que é ressurreição pra eu poder ler o meu jornal.
- Bom, meu filho, ressurreição é tornar a viver após ter morrido. Foi o que aconteceu com Jesus, três dias depois de ter sido crucificado. Ele ressuscitou e subiu aos céus. Entendeu?
- Mais ou menos Mamãe, Jesus era um coelho?
- Que é isso menino? Não me fale uma bobagem dessas! Coelho! Jesus Cristo é o Papai do Céu! Nem parece que esse menino foi batizado! Jorge, esse menino não pode crescer desse jeito, sem ir numa missa pelo menos aos domingos. Até parece que não lhe demos uma Educação cristã! Já pensou se ele solta uma besteira dessas na escola? Ave Maria!
- Mamãe, mas o Papai do Céu não é Deus?
- É filho, Jesus e Deus são a mesma pessoa. Você vai estudar isso no catecismo. Chama-se a Trindade. Deus é Pai, Filho e Espírito Santo.
- O Espírito Santo também é Deus? É sim.
- E Minas Gerais?
- Sacrilégio!!!
- É por isso que a Ilha da Trindade fica perto do Espírito Santo?
- Não é o Estado do Espírito Santo que compõe a Trindade, meu filho, é o Espírito Santo de Deus. É um negócio meio complicado, nem a mamãe entende direito. Mas quando você for no catecismo a professora explica tudinho!
- Bom, se Jesus não é um coelho, quem é o coelho da Páscoa?
- Eu sei lá! É uma tradição. É igual a Papai Noel, só que ao invés de presente ele traz ovinhos.
- Coelho bota ovo?
- Chega! Deixa eu ir fazer o almoço que eu ganho mais!
- Papai, não era melhor que fosse galinha da Páscoa?
- Era, era melhor, ou então urubu.
- Papai, Jesus nasceu no dia 25 de dezembro, né? Que dia que ele morreu?
- Isso eu sei: na sexta-feira santa.
- Que dia e que mês?
- ??????? Sabe que eu nunca pensei nisso? Eu só aprendi que ele morreu na sexta-feira santa e ressuscitou três dias depois, no sábado de aleluia.
- Um dia depois.
- Não, três dias.
- Então morreu na quarta-feira.
- Não, morreu na sexta-feira santa ou terá sido na quarta-feira de cinzas? Ah, garoto, vê se não me confunde! Morreu na sexta mesmo e ressuscitou no sábado, três dias depois!
- Como?

Anexo 1 - Dúvidas Pascaís

- Pergunte à sua professora de catecismo!
- Papai, por que amarraram um monte de bonecos de pano lá na rua?
- É que hoje é sábado de aleluia, e o pessoal vai fazer a malhação do Judas. Judas foi o apóstolo que traiu Jesus.
- O Judas traiu Jesus no sábado?
- Claro que não! Se ele morreu na sexta!!!
- Então por que eles não malham o Judas no dia certo?
- É, boa pergunta. Filho, atende o telefone pro papai. Se for um tal de Rogério diz que eu saí.
- Alô, quem fala?
- Rogério Coelho Pascoal. Seu pai está?
- Não, foi comprar ovo de Páscoa. Ligue mais tarde, tchau.
- Papai, qual era o sobrenome de Jesus?
- Cristo. Jesus Cristo.
- Só?
- Que eu saiba sim, por quê?
- Não sei não, mas tenho um palpite de que o nome dele era Jesus Cristo Coelho. Só assim esse negócio de coelho da Páscoa faz sentido, não acha?
- Coitada!
- Coitada de quem?
- Da sua professora de catecismo!!!

Luis Fernando Veríssimo

Fonte: http://www.paralerepensar.com.br/verissimo_duvidaspascais.htm

Anexo II - O Debate

O apresentador entra no palco, onde estão três cadeiras.

Apresentador – Boa noite. Teremos hoje o último debate da nossa série Criacionismo ou Evolucionismo: Qual é a sua?. Afinal, fomos feitos por Deus ou descendemos dos macacos? O debate desta noite é o que todos estavam esperando, o que explica o auditório lotado e as cadeiras extras. Durante toda a semana tivemos aqui embates memoráveis entre defensores do criacionismo e defensores do evolucionismo, culminando com o debate de ontem, entre Richard Darwin e o padre Rossi, que foi abandonado por Darwin aos gritos de “Não. Não!” na metade, quando o padre Rossi ameaçou cantar.

E quem poderá esquecer o debate de quarta-feira sobre racionalismo empírico versus dogmatismo religioso entre Rene Descartes e Blaise Pascal, o desentendimento que começou quando Descartes confundiu “dogma” com “dogman” e perguntou se o Homem Cachorro era um novo super-herói dos quadrinhos e continuou quando Descartes reagiu a um argumento teológico de Pascal gritando “Au secours!” e Pascal ouviu mal e protestou “Olha o nível”, até se esclarecer que Descartes estava pedindo socorro.

Depois disso não houve entendimento possível e todos se lembram de como acabou a noite. Por sinal, para os que ficaram preocupados, informo que Descartes já saiu do hospital e está em repouso, em casa. Mas vamos ao grande debate desta noite. Os dois participantes não precisam de apresentações. O primeiro é... Charles Darwin em pessoa! Mr. Darwin, por favor.

Charles Darwin entra no palco e é aplaudidíssimo por parte da plateia. O resto da plateia aplaude educadamente.

Apresentador – Charles Darwin, quem não sabe, é o fundador do evolucionismo. Foram seus estudos sobre a adaptação dos genes ao meio e a seleção natural que deram origem a teoria da evolução das espécies, inclusive a espécie humana, que descenderia dos macacos. Apesar de estar morto desde 1882, Mr. Darwin concordou, gentilmente, em participar do nosso simpósio, principalmente quando soube quem seria o outro debatedor. Não é, Mr. Darwin?

Darwin – É. Será uma oportunidade para esclarecer alguns pontos.

Apresentador – E aqui está ele, senhoras e senhores. O outro debatedor desta noite. O grande, o eterno, o nunca assaz louvado... Deus Nosso Senhor!

Deus entra no palco saudando o público e é recebido com uma ovação. Parte da plateia grita “Senhor! Senhor! Senhor!”. Deus senta à direita do apresentador, Darwin à esquerda.

Darwin – Senhor, eu queria aproveitar esta oportunidade para dizer que, em momento algum a minha teoria negou a sua existência, ou desrespeitou o seu poder. Eu vivi e morri como um cristão. Só não podia esconder minha descoberta.

Deus – Eu sei, meu filho, eu sei. E você estava certo.

Darwin (surpreso) – Eu estava certo?!

Deus – Estava. Aquela história que eu criei o homem do barro, à minha imagem, e depois fiz a mulher da sua costela... Tudo literatura. Licença poética. O homem descende do macaco. Eu quis que fosse assim. E quis que você descobrisse. A sua obra é a maior prova de que eu (aliás, Eu) existo. E mando. Num mundo regido pelo acaso você dificilmente chegaria aonde chegou.

Apresentador – Então o senhor acredita num...

Deus – Evolucionismo dirigido. Um pouco como o capitalismo na China.

Darwin – Mas então por que tanta gente resiste à ideia de que o homem descende do macaco e não foi criado por Deus à sua imagem?

Deus – Ah, meu filho. A vaidade humana nem Eu controlo.

Luis Fernando Veríssimo

Fonte: <http://avaranda.blogspot.com.br/2013/04/o-debate-luis-fernando-verissimo.html>

Anexo III - Ri, Palhaço

Ri, palhaço

Pela lógica destes dias, depois da cassação da Dilma, o passo seguinte óbvio seria condecorarem o Eduardo Cunha, o herói do impeachment

Depois da provável cassação da Dilma pelo Senado, ainda falta um ato para que se possa dizer que a *commedia* è finita: a absolvição do Eduardo Cunha. Nossa situação é como a ópera “Pagliacci”, uma tragicomédia, burlesca e triste ao mesmo tempo. E acaba mal. Há dias li numa página interna de um grande jornal de São Paulo que o Temer está recorrendo às mesmas ginásticas fiscais que podem condenar a Dilma. O fato mereceria um destaque maior, nem que fosse só pela ironia, mas não mereceu nem uma chamada na primeira página do próprio jornal e não foi mais mencionado em lugar algum.

A gente admira o justiceiro Sérgio Moro, mas acha perigoso alguém ter tanto poder assim, ainda mais depois da sua espantosa declaração de que provas ilícitas são admissíveis se colhidas de boa-fé, inaugurando uma novidade na nossa jurisprudência, a boa-fé presumida. Mas é brabo ter que ouvir denúncias contra o risco de prepotência dos investigadores da Lava-Jato da boca do ministro do Supremo Gilmar Mendes, o mesmo que ameaçou chamar o então presidente Lula “às falas” por um grampo no seu escritório que nunca existiu, e ficou quase um ano com um importante processo na sua gaveta sem dar satisfação a ninguém. As óperas também costumam ter figuras sombrias que se esgueiram (grande palavra) em cena.

O Eduardo Cunha pode ganhar mais tempo antes de ser julgado, tempo para o corporativismo aflorar, e os parlamentares se darem conta do que estão fazendo, punindo o homem que, afinal, é o herói do impeachment. Foi dele que partiu o processo que está chegando ao seu fim previsível agora. Pela lógica destes dias, depois da cassação da Dilma, o passo seguinte óbvio seria condecorarem o Eduardo Cunha. Manifestantes: às ruas para pedir justiça para Eduardo Cunha!

Contam que um pai levou um filho para ver uma ópera. O garoto não estava entendendo nada, se chateou e perguntou ao pai quando a ópera acabaria. E ouviu do pai uma lição que lhe serviria por toda a vida:

— Só termina quando a gorda cantar.

Nas óperas sempre há uma cantora gorda que só canta uma ária. Enquanto ela não cantar, a ópera não termina.

Não há nenhuma cantora gorda no nosso futuro, leitor. Enquanto ela não chegar, evite olhar-se no espelho e descobrir que, nesta ópera, o palhaço somos nós.

Luis Fernando Veríssimo

Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniao/ri-palhaco-20003388>

Apêndice A - Conceitos Chaves

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) defende que a língua é instrumento de desenvolvimento humano, este se dá através da interação, em uma perspectiva do interacionismo social de Vygotsky (1991). Assim, propõe pensar o texto como um produto das interações sociais. Com base nisso, surgiram propostas de didatização dos gêneros de texto (DOLZ; SCHNEWLY, 2004), quais acreditam ao analisar a infraestrutura, os mecanismos de coesão e modelizações, os alunos se apropriam do conhecimento do gênero este poderá ser utilizado em outras situações de comunicação. Esta estrutura do texto, a qual ele chamará de folhado textual, pode ser vista na imagem abaixo:

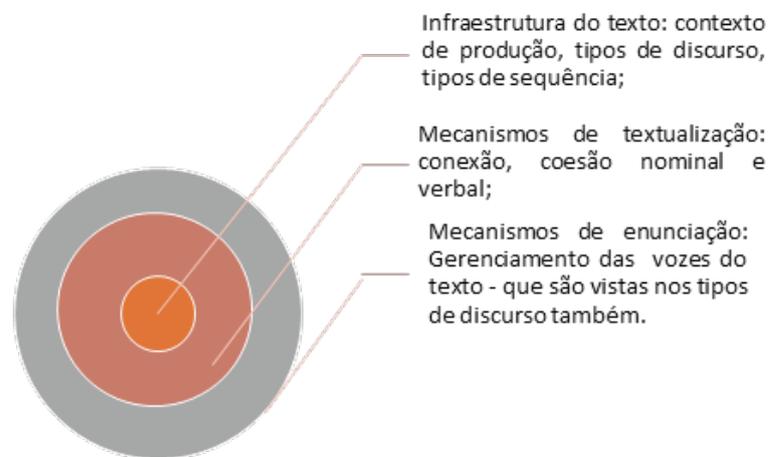


Figura 1: Adaptado de Bronckart, 2012

Apresentaremos esses pontos através da análise da crônica Invólucro, apresentada na atividade. Essa é uma parte do que está na minha dissertação. Vejamos começando da infraestrutura do texto.

Vale aqui reforçar as coordenadas gerais dos mundos e a relação com os atos de produção, isto é, os mundos discursivos têm como referência a conjunção ou disjunção quanto ao mundo virtual (fictício) ou mundo ordinário (meio físico e sócio subjetivo – comporta os valores e crenças). Sendo o mundo do EXPOR conjunto ao mundo ordinário (físico) do agente-produtor coloca de maneira declarada, por uma localização espacial e geográfica não delimitadas, pertencente, por via de regra ao presente, ou seja, faz referência a um “eu, aqui e agora”, o mundo do NARRAR é disjunto do mundo ordinário, realizado em um tempo e espaço delimitado, ou seja, não encontra conexão ao meio físico do aqui e agora. É na conjunção desses dois mundos que a crônica de humor se localiza. Mesmo que linguisticamente este não esteja marcado, mas o conteúdo da crônica será encontrado e materializado no cotidiano, como está representado na figura 2.

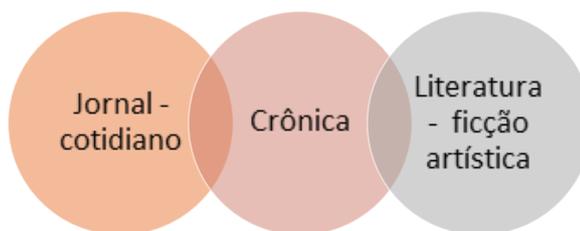


Figura 2: Representação da intersecção dos mundos discursivos na crônica (autora)

Cada mundo traz uma voz específica, para Bronckart (2012) o autor do texto é o agente-produtor, este pode ser entendido de acordo com o mundo discursivo que ocupa, se estiver ligado ao mundo do EXPOR, denomina-se expositor; se ao NARRAR, narrador; ao adotar uma postura neutra no texto, textualizador; os quais podem coexistir, já que um texto pode comportar os dois mundos discursivos, com a predominância de um. No caso da crônica, pode-se levantar a hipótese de haver sempre um expositor ou narrador, já que o texto pertencente ao mundo ordinário ou virtual, haverá a implicação do agente-produtor que se faz aparecer na voz do expositor ou narrador interferindo no que é dito, nunca sendo um texto neutro, talvez com momentos de neutralidade. É possível supor isso, em virtude da finalidade e suporte da crônica – questão para pesquisas futuras.

1.1.1 Dos tipos de discurso

O modo como as vozes estão no texto, materializam-se através de tipos psicológicos implicado – um EU ou NÓS faz-se presente no texto por meio de marcas linguísticas; ou autônomo – faz-se distante. Essa é a base dos tipos discursivos de Bronckart (2012), quando implicado gera o discurso interativo; quando autônomo, gera discurso teórico. Ou ainda esse agente pode se posicionar em alguns momentos e se distanciar em outros, conjugando os dois tipos psicológicos resultando em um discurso teórico interativo. Já o mundo do NARRAR é disjuncto, ou seja, tem como referência o passado ou o futuro, atrelado ao mundo discursivo virtual. Quanto aos tipos psicológicos implicado ou autônomo, o primeiro apresenta-se como relato interativo, o segundo diz respeito à narração. Isso leva a perceber os traços de autoria do texto e como o agente-produtor se coloca. Ao reconhecer isso, os alunos podem compreender as camadas mais profundas do texto.

1.2.1 Sequência Argumentativa

Esses tipos de discurso que estarão organizados através de sequências textuais, Bronckart (2012) as sequência propostas por Adam (2011) – sequência: narrativas, dialogal, descritiva, expositiva e argumentativa, esta apresentaremos a partir da análise, vejamos:

Premissas – propõe uma constatação de partida;	<i>Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia ... (l. 3 e 4)</i>
Tese	<i>E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele. (l. 14 e 15)</i>
Argumentos – elementos que orientam para uma conclusão provável;	<i>No lugar de derme e epiderme, uma pele transparente que permitisse enxergar todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas de nos ver por dentro... (l. 16 a 20)</i>
Contra-argumentos – operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiados ou refutados;	<i>Está certo, seríamos horrorosos. O contra-argumento que pode vir seguido de um novo argumento. Argumentos: Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social. (...) Novo contra-argumento: embora alguns pudessem ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, (...) (l. 21 a 28)</i>
Conclusão (ou nova tese) – integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.	<i>Conclusão: estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo (l. 28 e 29). Nova tese: Fica a dica para quando no redesenharem. (Está subtendido que teremos que esperar o processo longo e gradual de evolução pregado por Darwin)</i>

Esquema 2: Representação da sequência argumentativa, com base em Bronckart (2012)

A função disso é promover uma reflexão crítica e bem-humorada do comportamento do homem. O expositor usa um assunto sério (seleção natural das espécies) com humor e depois converte-o novamente a sério (os seres humanos são iguais, um não é melhor que o outro). No caso da crônica, o motivador da evolução seria a exigência da tecnologia atual em se ter dedos finos, isso levará ao desaparecimento das pessoas com dedos grossos. Disso podemos inferir uma prática social de exclusão dos que não dominam as novas tecnologias, que são consideradas obsoletos e tendem a desaparecer no sentido de não serem aceitas socialmente, o expositor mantém o jogo bem humorado através da ridicularização “os cinco dedos da mão perderam sua utilidade prática que era ajudar a contar até dez” (l. 7 e 8) e do absurdo “os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão” (l. 8 e 9).

Vimos nessa primeira camada do texto questões importantes a serem consideradas no momento da leitura. Entraremos agora na segunda camada do folhado textual, ao analisarmos os Mecanismos de Textualização.

1- 3. [Biologia] Pouco desenvolvido. = ATROFIADO, RUDIMENTAR ≠ HIPERTROFIADO "obsoleto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, www.priberam.pt/ [consultado em 03-08-2016].

1.2 Mecanismos de textualização.

Bronckart (2012) apresenta uma estrutura genérica sobre os mecanismos de textualização, a fim de conseguir dispor de um mecanismo de análise que se aplique aos textos de maneira geral, o conhecimento dessa infraestrutura facilitaria a apropriação do texto e, logo, seria possível sua aplicação em várias situações de comunicação. Essa estrutura pode ser sintetizada nas seguintes exposições:

Conexão

O que promove a manutenção temática, vista nas sequências, são os mecanismos de textualização – conexão, coesão nominal e verbal – segunda camada do folhado textual. Analisemos, então, o primeiro. A conexão que pode ocorrer com a Segmentação conecta discursos diferentes; o Balizamento (demarcação) conecta fases de um mesmo discurso, o Empacotamento faz conexão entre frases de fases de uma sequência (outras formas de planificação); a Ligação faz conexão dentro de uma mesma frase gráfica (período coordenado) e o Encaixamento conecta dentro de uma mesma frase gráfica (período subordinado), (cf. BRONCKART, 2012, p. 264 e 265), tais mecanismos estabelecem contrastes locais (empacotamento, encaixamento e ligação) e globais (segmentação e balizamento). Para uma apresentação mais didática esses mecanismos serão apresentados os trechos em seguida a explicação, indo do global ao local .

Aplicação:

Segmentação:

Exemplo 1: E1 eu fiquei pensando... (l. 14)

Explicação 1: A conjunção E marca a integração do discurso interativo ao teórico, percebemos aí a fronteira entre os dois discursos. Apesar de no texto predominar o discurso misto teórico-interativo, a presença do pronome “eu”, que já é marcado na desinência verbal, deixa claro a inferência, pois o que o fez “pensar” foi apresentação das possibilidades de evolução humana. O discurso teórico distanciado, marcado pela ausência da demarcação de tempo e espaço, marcação de interação imbrica-se ao discurso interativo, marcado pela primeira pessoa do singular “eu”, que pressupõe um “tu” (BANVENISTE apud BRONCKART, 2012, p.).

Balizamento

Exemplo 1: Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto, com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos. Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas... (l. 1 a 3)

Explicação 1: O conectivo se faz introduzir a fase da premissa da sequência argumentativa, construindo um silogismo falacioso.

2- Destacaremos os mecanismos de coesão que considerarmos mais relevantes para a manutenção temática, pois entendemos que uma análise exhaustiva pode provocar o desinteresse do aluno.

Empacotamento

Exemplo 1: ... não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a terra.

Explicação 1: O conectivo E acrescenta mais uma informação à fase de problematização da sequência explicativa, o período introduzido pelo e poderia integrar o período anterior – se assim fosse seria ligação – entretanto, não provocaria uma nova tensão no leitor, com isso ele é obrigado a imaginar um mundo em todas as pessoas terão dedos finos. Tal fato faz a provocação do quanto à tecnologia pode ser excludente.

Encaixamento

Exemplo 1: Há quem diga que1 (...) os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática... (l. 5 e 6)

Explicação 1: A conjunção integrante que está sendo utilizada para introduzir o completo do verbo “dizer”, verbo que nesse contexto marca a falta de compromisso com o que é dito, tem como sujeito o pronome indefinido quem, reforçando tal ideia, deixando claro que não está comprometido com a informação. A tensão criada com o complemento “os dedos... perderam sua utilidade prática”, provoca a reflexão do quando se é dependente da tecnologia, visto que há calculadores que substituem a função primária dos dedos, além do absurdo provocativo do humor.

Ligação

Exemplo 1: as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo1 desaparecerão (l. 3 a 5)

Explicação 1: É interessante destacar o logo conectivo pela relação de sentido de conclusão que estabelece, este que pode ser conjunção com sentido de portanto ou advérbio com sentido de imediatamente – caso do texto – exige dos alunos perspicácia para percebê-lo e inferir sobre seu sentido. Se houve espaço para uma análise comparativo do sentido do conectivo e será bem interessante ao aluno.

O segundo aspecto a ser considerado dos Mecanismos de Textualização é coesão nominal e verbal, as quais veremos a seguir.

Coesão Nominal

O segundo elemento de textualização é a coesão nominal, a qual Bronckart (2012) apresenta categorias genéricas de anáforas nominal e pronominais, apesar de ser bastante reduzido, não comportar as relações de sentido que os textos apresentam, mas é bastante eficiente do ponto de vista do ensino, pois apresenta uma cadeia simples, lógica, de fácil abstração. Uma apresentação minuciosa pode se estar trocando os extensos conceitos gramaticais pelos extensos conceitos da linguística textual – reservadas todas as críticas que possam ser feitas ao conceito pelo conceito. Feitas as ressalvas, o autor apresenta o seguinte resumo dessas categorias:

Mecanismos de coesão nominal – CADEIAS ANAFÓRICAS		
Anáforas pronominais	Todos os pronomes + marcação de vazio	Ana folheou um jornal, Ø descobriu que não tinha no jornal, ela o jogou
Anáforas nominais	Sintagmas nominais de diversos tipos	O ladrão – o homem – o indivíduo
Coesão nominal e os tipos de discurso	Ordem do NARRAR	Ação dos personagens + anáfora pronominal
		Descrição dos personagens + anáfora nominal
	Ordem do EXPOR	Discurso interativo + anáfora pronominal
		Discurso teórico + anáfora nominal

Aplicação

A partir da tabela disposta acima, podemos entender que somente prevalecerá a anáfora pronominal no discurso interativo, por se tratar de um mono(dia/poli)logo, os referentes da conversa são partilhados pelos envolvidos no processo enunciativo, já nos demais tipos de discurso a manutenção da temática e progressão do texto se dá pela seleção de léxicos, dados novos dispostos no decorrer da construção da comunicação. No caso da crônica em questão, prevalece a anáfora nominal, haja visto que se trata de um discurso teórico-interativo, em que as informações do tema são ofertadas ao possível interlocutor no ato de produção. Destas podemos destacar as seguintes tramas da coesão nominal:

a) Para introdução do tema o agente-produtor expõe uma sequência de nomes relacionados a tecnologia “Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis” (l. 1), e constrói a cadeia com “mundo da microtecnologia” (l. 4), “miniteclados” (l. 6). Esses são os elementos ambientais que provocarão nossa evolução biológica. Cabe aqui discutir com os alunos sobre as duas teorias apresentadas na crônica – o neodarwinismo e o criacionismo.

b) As mudanças provocadas pelo processo disposto acima é realizado pela cadeia: usuários com dedos finos (l. 2 e 3) dedos finos (l. 5), em oposição a pessoas com dedos grossos (l. 3 e 4). Ao se referir as pessoas que continuarão existindo, o agente-produtor usa o termo “usuário”, é implícito que são pessoas que sabem manusear a tecnologia, ou seja, usam-na, somente as pessoas usuárias da tecnologia continuarão existindo, às que não utilizam desaparecerão, pertencem a uma categoria genérica de “pessoas”. É válido lembrar o preconceito que os não usuários já sofrem hoje, e quanto são excluídos por isso, essa é uma exigência de todas as áreas da sociedade.

c) Para introduzir o segundo parágrafo, o agente-produtor faz uma síntese dos dois processos evolutivos, o desaparecimento das pessoas com dedos grossos e dos dedos médio e anular, através da expressão “outra inevitável evolução” (l. 11), pois o pronome outra pressupõe que algo já havia sido dito. É a terceira evolução apresentada, “talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em” (l. 12 e 13). O objeto celofane é o desencadeador da tese levantada “E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele” (l. 14 e 15). A cadeia anafórica formada a partir da palavra “pele” consiste em repeti-la em um processo de gradação, “pele” (l. 15) “uma pele transparente” (l. 16) “a pele transparente” (l. 21) “todas as peles” (l. 26). E a ideia de embalagem contida na palavra celofane é recuperada com o substantivo invólucro (l. 28), a qual também servirá de anáfora para a palavra pele.

d) Ao tratar da mudança de pele, o agente-produtor propõe uma mudança que não está sendo provocada pelo ambiente, diferente dos outros processos evolutivos. Nada justifica do ponto de vista biológico o surgimento da pele transparente. O que parece ser uma continuidade do tema, é, na verdade, uma oposição entre o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento humano. Nesse ponto pode refletir sobre quais são as mudanças que o mundo precisa e que são possíveis de acordo com o nosso cenário – vale retomar o conceito de evolução para a biologia. Essa meditação é possível graças ao jogo apresentado no item anterior, a palavra invólucro sendo usada como sinônimo de pele. A ideia contida em invólucro é de embalagem, essa por sua vez está acompanhada de rótulo. Estando aqui uma grande provocação: quais são os rótulos presentes nos invólucros (peles) humanos?

Através dessa exposição que a coesão nominal também ser explorada na perspectiva da percepção da construção de sentido. De igual maneira, mas menos trabalhada, a coesão verbal também pode ser explorada para uma leitura aprofundada do texto.

Coessão Verbal

Resta-nos analisar o último Mecanismo de Textualização proposto por Bronckart (cf. 2012, p. 273 a 317), coessão verbal, que está intimamente atrelada aos mundos discursivos e tipos de discurso – apresentado na tabela 1. Um dos pontos inovadores desse mecanismo é sair na bipartição – binária por ser estabelecida entre dois termos, e fisicalista por considerar momentos objetiváveis (cf. BRONCKART, 2012, p.75). A análise das relações temporais passa a ser entendidos a partir de três parâmetros – momento da produção, momento do processo, momento psicológico de referência; sendo momento de produção, a realização da fala; momento do processo, realização da ação. O autor destaca quatro funções desse mecanismo, as quais estão ligados a:

	Referência	Realização	Tipos de discurso
Temporalidade primária	Ato de produção	Localização de simultaneidade (L. sim), posterioridade (L. pos) e anterioridade (L. ant)	Predominância no Discurso interativo e teórico-interativo
	Eixo de referência global	Localização neutra (L. neu), isocrônica (L.iso), retroativa (L. ret) e projetiva (L. proj)	Discurso teórico
	Eixo de referência local	Localização de inclusão (L. inc)	Predominância na Narração
	Consiste em situar um processo dentro de outro, a qual é objeto de uma localização na temporalidade primária	Localização anterioridade relativa (L. ant rel), posterioridade relativa (L. pos rel), simultaneidade relativa (L. sim rel)	Discurso encaixado; Está no campo da conexão.
Contraste global	Sequência discursivas	Séries isotópicas de processos são distinguidas, sendo uma delas colocadas em primeiro plano e outra em segundo	Pode ser visto narração, relato interativo e discurso interativo

Esquema 3: Adaptado de Bronckart (cf. 2012, p. 297/298)

Aplicação

Podemos destacar vários exemplos de temporalidade primário, visto que predomina o discurso teórico. Por exemplo, “Se vale (L. neut) a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão (L. proj) obsoletas, não se adaptarão (L. proj) ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão (L. proj). E os dedos finos dominarão (L. proj) a Terra.” (l. 3 a 5). Ao considerarmos o eixo de referência global, percebemos que o expositor conseguiu constituir seu argumento falacioso através do jogo entre presente e futuro. Ele alcança a neutralidade do discurso teórico com o uso do uso do verbo impessoal, na da terceira pessoa do singular com um pronome indefinido como sujeito “Há (L. neut) quem diga (L. neut) que, como os miniteclados impossibilitam (L. ant) a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam (L. ant) a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão (L. proj) só com três dedos” (l. 5 a 8). Para a leitura e interpretação esses conceitos são importantes para compreender que mundo está sendo criado e com que objetivo.

Já temporalidade secundária, do discurso teórico, fica marcada quando os “processos não são objeto de uma localização neutra, que se marca por um encaixamento sintático e, eventualmente, por uma oposição entre tempos verbais simples e compostos³, quando se trata de uma relação de anterioridade relativa” (BRONCKART, 2012, p. 303). Nessa crônica encontramos duas ocorrências, as quais são responsáveis por introduzir a interação do texto “E fiquei pensando” (L. sim rel), e para a reformulação da tese defendida “somos (L. sim rel) todos iguais em baixo dos nossos invólucros”; com isso há conexão do discurso teórico e do discurso interativo. Além de confirmar a entrada no mundo do NARRAR na primeira ocorrência e a saída na segunda. O discurso interativo está na pressuposição do TU – se há um EU que fala existe um TU que houve, formando um NÓS (somos) que apoia as ideias defendidas. O mundo do NARRAR está em levantar uma hipótese que pertence a ele, e não encontra respaldo no mundo ordinário (surgimento de uma pele transparente) e do EXPOR está em confirma o que a biologia diz (biologicamente temos um ancestral comum, deduz-se que isso nos torna iguais) A semântico do verbo “pensar” colabora também para esse entendimento. Sendo assim, vemos a conexão do mundo do EXPOR por meio da entrada do discurso interativo.

Destacamos ainda outra marcar de interação, a qual a teoria não considera na análise – o modo imperativo, “imagine as vantagens que”, assim se tratar de um discurso também interativo, em que prevalece as características do discurso teórico, por isso há marcas linguísticas para se considerar o momento psicológico, momento de o ato de produção e o momento de fala. Mesmo que a implicação se estabeleça ao escrever o texto em primeira pessoa, a interação não ocorre face a face, somente o expositor faz uso da palavra. Assim prevalece somente a coesão verbal do discurso teórico. Neste não há contrastes globais e locais. Como destacamos na análise dos tipos discursivos, a marcação de interatividade e a busca pelo apoio ao receptor, prossegue terceiro com o verbo ser “seríamos” (L. post) futuro do pretérito e quarto parágrafo com a primeira pessoa do plural no presente “somos todos iguais” (L. sim rel). Tanto a primeira quando levanta uma voz contrária a sua a fim de apresentar um argumento mais forte que a aparência, como a segunda ocorrência quando convoca o leitor a percepção que a aparência não nos torna desiguais; há uma convocação do leitor para a reflexão e ao mesmo tempo encontra a voz das pessoas que concordam com ele fortalecendo sua tese.

3- Em português será a oposição entre o perfeito do indicativo e o imperfeito do indicativo.

As demais ocorrências dos verbos presentes nos argumentos e contra-argumentos estão no imperfeito do modo subjuntivo e no futuro do pretérito do modo indicativo, articulados para construir as hipóteses do mundo do NARRAR, “e ninguém seria (L. post) muito mais bonito que ninguém, embora alguns pudessem (L. ant) ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético”. Para isso consideramos o eixo de referência global. Confirmamos até aqui que as questões linguísticas estão atreladas a construção sentido, estas não podem ser vista isoladamente, por isso o ISD defende o entendimento do texto de maneira global. Vimos que muitos conceitos – mundos discursivos, tipos discursivos, sequências – foram revistos aqui, e serão revistos também no próximo ponto de análise, os mecanismos enunciativos.

1.3 Modelizações – as vozes do texto

As modelizações são uma retomada a estrutura dos tipos de discurso e sequências. Vale lembrar que, aqui, apenas um recorte. Para Bronckart (2012) o autor do texto é o agente-produtor, este pode ser entendido de acordo com o mundo discursivo que ocupa, se estiver ligado ao mundo do EXPOR, denomina-se expositor; se ao NARRAR, narrador; ao adotar uma postura neutra no texto, textualizador os quais podem coexistir, já que um texto pode com portar os dois mundos discursivos, com a predominância de um. No caso da crônica, pode-se levantar a hipótese de haver sempre um expositor ou narrador, já que seja o texto pertencente ao mundo ordinário ou fictício, haverá a implicação do agente-produtor que faz implicar a figura do expositor ou narrador interferindo no que é dito, pouco ou nunca sendo um texto neutro. É possível supor isso, em virtude da finalidade e suporte da crônica.

Há, nesse texto, uma conjunção entre os mundos do EXPOR e do NARRAR, pois ao passo que há marcas linguísticas que o fazem pertencer ao mundo do Expor (ordinário) – como veremos a seguir, para refletir sobre o fato calcado no real – evolução humana, vale-se da construção de um mundo hipotético – fictício, ou seja, o mundo do NARRAR. A conjunção desses, no caso da crônica, tanto marcam a criticidade do texto como produzem efeito de humor. Quanto ao discurso

A partir do que é apresentado podemos dizer que a crônica em análise pertence ao mundo do EXPOR, estabelecendo-se no discurso misto teórico-interativo, pois se de um lado há, segundo Bronckart (2012, p. 193), há uma “verdade autônoma, independentes das circunstâncias particulares da situação material de produção e que se inscrevem, conseqüentemente, nas coordenadas de um mundo teórico”. Vejamos algumas observações apoiados na crônica Invólucro, pertencente ao conjunto de atividades, verdade autônoma (os cinco dedos da mão perderam sua utilidade prática (...) os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão – l. 8 e 9) por outro “mesmo na ausência de um contato direto com o receptor-destinatário, deve levar esse destinatário em conta” (E fiquei pensando, l. 14), isto é, há a convocação e a necessidade chamar o receptor para o apoio de suas ideias. Existe apenas uma marca de conjunção o mundo ordinário do agente-produtor (como quase tudo hoje em dia, linha), há outras que revelam a convocação do interlocutor (somos, l. 28), marcações comuns a crônica; outra característica comum a crônica é estabelecer diálogo com seu leitor, no caso quando ela ainda está no jornal há um leitor diário, já no livro isso se modifica, entretanto, as marcas permanecem (imagine, l. 15).

Rir para Refletir:
um pedacinho do mundo
de Luis Fernando Veríssimo

